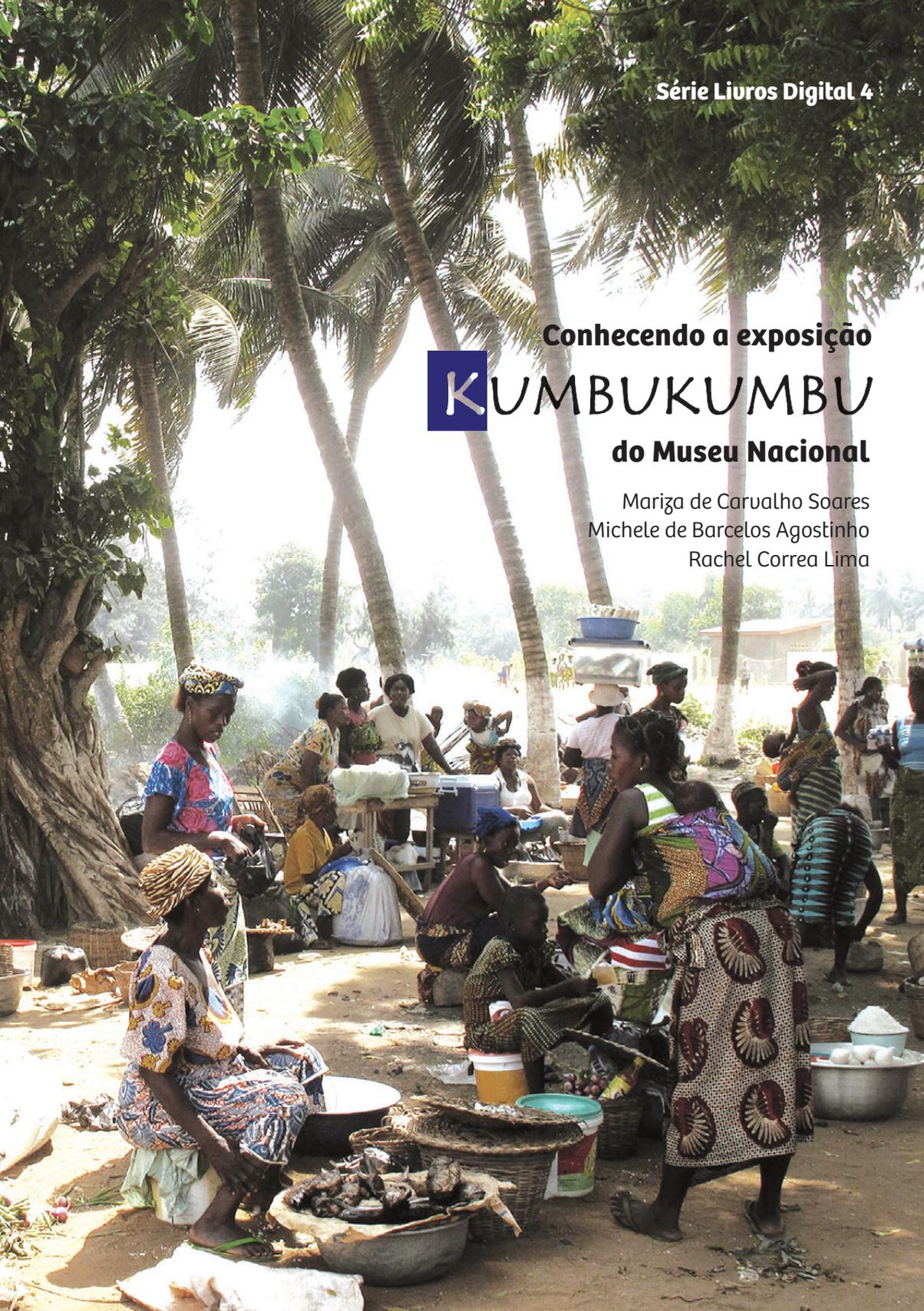


Conhecendo a exposição

KUMBUKUMBU

do Museu Nacional

Mariza de Carvalho Soares
Michele de Barcelos Agostinho
Rachel Correa Lima



Conhecendo a exposição

KUMBUKUMBU

do Museu Nacional

Mariza de Carvalho Soares

Michele de Barcelos Agostinho

Rachel Correa Lima

FOTO DA CAPA

Mercado de Aneho, Togo

Foto Milton Guran, 2010

Esta publicação oferece atividades complementares à exposição *Kumbukumbu: África, memória e patrimônio* do Museu Nacional. Foi feita com financiamento do Programa Apoio a projetos temáticos no Estado do Rio de Janeiro 2013 da FAPERJ através do projeto *Sala África: novos usos para a coleção de objetos africanos do Museu Nacional*, Edital FAPERJ n. 03/2013.

Financiamentos externos

FAPERJ: edital 3/2012, projeto “Sala África: novos usos para a coleção de objetos africanos do Museu Nacional”. Programa “Apoio a projetos temáticos no Estado do Rio de Janeiro – 2013”. Proponente: João Pacheco de Oliveira Filho. Museu Nacional, UFRJ.

CNPq: bolsas de produtividade em pesquisa: João Pacheco de Oliveira, Mariza de Carvalho Soares; programas PIBIC da UFF e UFRJ.

S676 Soares, Mariza de Carvalho.
Conhecendo a exposição Kumbukumbu do Museu Nacional / Mariza de Carvalho Soares, Michele de Barcelos Agostinho, Rachel Correa Lima. -- Rio de Janeiro: Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2016.
152 p. : il. color, mapas, retrs. ; 21 cm. – (Série Livros Digital; 4)

ISBN 978-85-7427-058-6

1. África – Exposições. 2. Cultura material – África – Exposições. 3. Museu Nacional (Brasil) – Exposições. 4. Museus e coleções etnológicas. I. Agostinho, Michele de Barcelos. II. Lima, Rachel Correa. III. Universidade Federal do Rio de Janeiro. IV. Museu Nacional (Brasil). V. Título. VI. Série.

CDD 960.074

Série Livros Digital 4

Conhecendo a exposição **KUMBUKUMBU** do Museu Nacional

Mariza de Carvalho Soares
Michele de Barcelos Agostinho
Rachel Correa Lima

Museu Nacional
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro
2016

Créditos da Série Livros Digital 4

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Reitor

Roberto Leher

MUSEU NACIONAL

Diretora

Claudia Rodrigues Ferreira de Carvalho

Vice-diretor

Renato Rodriguez Cabral Ramos

Chefe do Departamento de Antropologia

Tania Clemente

Editor

Ulisses Caramaschi

Editores de Área

Adriano Brilhante Kury, Ciro Alexandre Ávila,
Claudia Petean Bove, Débora de Oliveira Pires,
Guilherme Ramos da Silva Muricy, Izabel Cristina Alves Dias,
João Alves de Oliveira, João Wagner de Alencar Castro,
Marcela Laura Monné Freire, Marcelo de Araújo Carvalho,
Marcos Raposo, Maria Dulce Barcellos Gaspar de Oliveira,
Marília Lopes da Costa Facó Soares, Rita Scheel Ybert,
Vânia Gonçalves Lourenço Esteves

Normalização

Leandra de Oliveira

Diagramação e Arte final

Lia Ribeiro

Produção e Secretaria

Antonio Carlos Moreira

compubli@mn.ufrj.br

Créditos do Volume

Curador das coleções etnográficas - SEE

João Pacheco de Oliveira

Curadora da exposição Kumbukumbu

Mariza de Carvalho Soares

Pesquisa

Mariza de Carvalho Soares (coordenadora),
Michele de Barcelos Agostinho, Rachel Correa
Lima; Carolina Cabral, Aline Rabelo

Exposição

Setor de Etnografia (SEE)
Serviço de Museologia (SEMU)

Edição de textos

Michele de Barcelos Agostinho

Desenhos

Maurílio de Oliveira

Fotos do acervo do SEE

Roosevelt Mota

Arte gráfica da publicação

Clarisse Sá Earp
umastudio.org

Fotos

Luíz Carrisso - *Propriedade Santo Amaro. Indígenas trabalhando.*

Huambo, Angola (1927). Acervo da Faculdade de Ciências e Tecnologia,
Universidade de Coimbra

Luíz Carrisso - *Fazenda Tentativa. Dois trabalhadores indígenas.*

Alto Dande, Angola (1927). Acervo da Faculdade de Ciências e Tecnologia,
Universidade de Coimbra

Mariza de Carvalho Soares - *Tinturaria Kofar Mata.* Kano, Nigéria (2005)

Mariza de Carvalho Soares - *Banda do palácio real.* Lagos, Nigéria (2005)

Milton Guran - *Dança no pátio do palácio do rei Guezo.*

Abomey, Benim (1995)

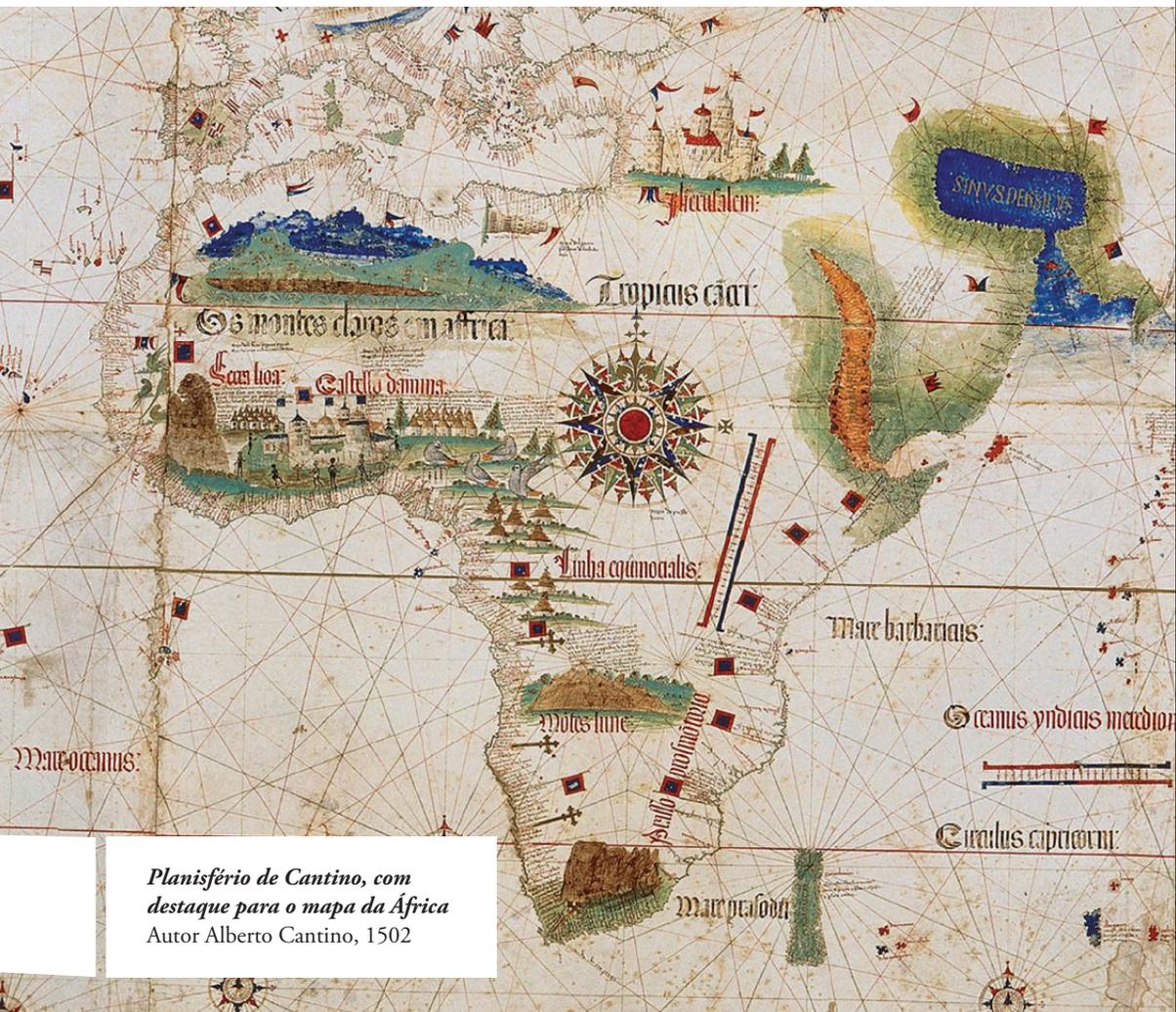
Roosevelt Mota - *Lançamento da Coleção Documentos Sonoros
do Museu Nacional* (2004). Acervo do Museu Nacional, UFRJ

Agradecimentos

Luís José Proença de Figueiredo Neves (Diretor da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra) pela cessão de direitos para publicação das fotos de Luíz Carrisso pertencentes ao Acervo da FCTUC.
Milton Guran (antropólogo e fotógrafo) pela cessão de direitos para publicação da foto da feira de Aneho que aparece na páginas 26/27 e na capa (detalhe).
Professor Josemir Camilo de Melo (Universidade Estadual da Paraíba) pela colaboração no levantamento das fontes sobre Celenia Pires na Paraíba.



Roça no Huambo, Angola
Foto Luíz Carriso, 1927



Planisfério de Cantino, com destaque para o mapa da África
Autor Alberto Cantino, 1502

Sumário

Apresentação, 12

Introdução, 16

A exposição, 21

1. África passado e presente, 27
2. A guerra colonial, 33
3. Os povos da floresta equatorial, 37
4. Angola depois da escravidão atlântica, 45
5. A diplomacia da amizade, 53
6. Africanos no Brasil, 59

Para saber Mais, 63

- a. A diplomacia do comércio de escravos, 65
- b. A coleção Polícia da Corte, 71
- c. A coleção de armas africanas do Museu Nacional, 75
- d. A viagem de Celenia Pires a Angola, 81
- e. Affonso de Santa Isabel, o entalhador, 87

Desafios, 91

- Trabalhando com mapa, 93
- Trabalhando com objetos, 97
- Trabalhando com textos, 100

Acervo exposto, 105

Bibliografia e sugestões de leitura, 150

Apresentação

Conhecendo a Exposição Kumbukumbu do Museu Nacional foi elaborado pela equipe do Setor de Etnologia e Etnografia (SEE) para atender à demanda de professores e guias que visitam a sala *Kumbukumbu: África, memória e patrimônio*, onde temos exposta parte do acervo de objetos africanos do Museu Nacional. Trata-se, portanto, de uma ferramenta pedagógica que visa auxiliar as visitas guiadas a uma das salas de exposição de longa duração do Museu.

A publicação está dividida em quatro seções: *A Exposição; Para Saber Mais; Desafios; e Acervo Exposto*. Na primeira apresentamos os textos explicativos das vitrines, identificados a partir das faixas coloridas existentes em cada uma delas. Em seguida, a seção Para Saber Mais traz informações adicionais sobre a formação das coleções que integram o acervo. Na terceira seção temos os Desafios, onde são propostas atividades que visam estimular a análise discente sobre a cultura material. E, por fim, temos o Acervo Exposto, no qual apresentamos a relação de peças que compõem toda a exposição, acompanhadas das legendas que as identificam. As peças estão agrupadas por vitrine e a elas relacionadas pelas faixas coloridas.



Em conformidade com a lei 10.639/2003, que determina o ensino de História da África e da Cultura Afro-Brasileira, esta publicação tem como principal objetivo oferecer a professores e alunos um maior aprofundamento dos temas tratados na exposição. Dessa forma, acreditamos fornecer aos visitantes uma ferramenta através da qual é possível prolongar, para além das dependências do Museu, a divulgação da história do continente africano, de sua diversidade cultural e das conexões entre a África e o Brasil.

Conhecendo a Exposição Kumbukumbu do Museu Nacional é um dos produtos do projeto “Sala África: novos usos para a coleção de objetos africanos do Museu Nacional”, coordenado pelo Prof. João Pacheco de Oliveira, com a curadoria do Profa. Mariza de Carvalho Soares. O projeto foi implementado pelo Museu Nacional com financiamento da Fundação Carlos Chagas de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro através do edital Faperj 03/2013.



Dala Hill, Kano, Nigéria.
Foto Mariza Soares, 2005.

Introdução



Desde a antiguidade, a África integrou as mais longas e importantes rotas comerciais e, através delas, entrou em contato com povos e culturas distantes. No século VII, as caravanas árabes trouxeram o Islã para o norte da África; no século XV, os cristãos chegaram à costa atlântica; a partir do final do século XVII, o crescimento do comércio de escravos levou à maior migração forçada do mundo atlântico.

A expansão colonial europeia sobre a África nos séculos XIX e XX rompeu a dinâmica histórica africana e estabeleceu novos padrões políticos e econômicos sustentados pela força militar, pelas alianças do poder colonial com elites africanas e pela implantação de padrões europeus de vida moderna. Em meados do século XX, os vitoriosos movimentos de independência começaram a mudar esse panorama, mas ainda hoje os países africanos enfrentam o desafio de vencer a pobreza, construir nações multiétnicas, multirreligiosas e, ao mesmo tempo, democráticas e abertas às novas tecnologias e à globalização.

A coleção aqui exposta não abarca a diversidade do continente africano. A maioria dos objetos data do século XIX, quando os países modernos ainda não existiam e o colonialismo europeu se estabeleceu sobre o continente. Muitos desses objetos foram recolhidos junto a povos que nunca tiveram contato histórico com o Brasil, enquanto outros estão relacionados à escravidão e à diáspora africana nas Américas. Todos nos ajudam a conhecer o passado e a dar a pessoas e povos aos quais pertenceram um lugar na História.

A sala da exposição de longa duração do Museu Nacional destinada aos objetos africanos, agora denominada *Kumbukumbu: África, memória e patrimônio*, apresenta um acervo diversificado de objetos adquiridos por meio de doações, compras e permutas. Além da beleza e do significado antropológico das peças, a coleção tem ainda uma importância histórica por ser um dos mais antigos acervos africanos do Brasil. São objetos trazidos de diferentes partes do continente entre 1810 e 1940, acrescidos de outros que pertenceram ou foram produzidos por africanos ou seus descendentes diretos no Brasil entre 1880 e 1950.

A palavra Kumbukumbu foi escolhida para nomear a exposição porque na língua swahili, uma das mais faladas no continente africano, pode ser traduzida por memória e patrimônio. Ao comentar a palavra Kumbukumbu a partir de sua experiência pessoal, um estudante da Tanzânia chamado Gatera Mudahizi Maurice explicou, também em swahili, o significado da palavra:



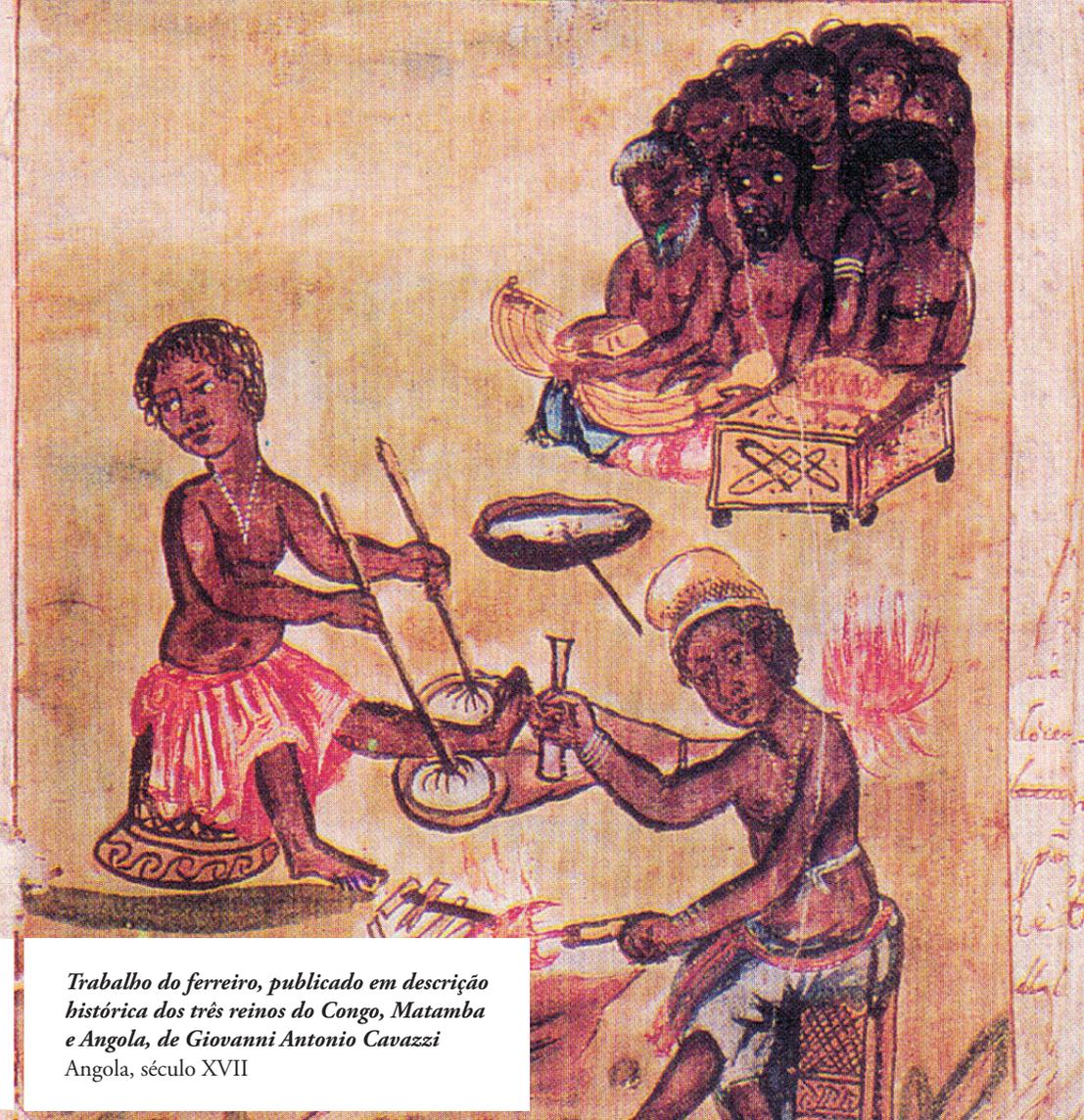
Kumbukumbu ni nahau ya Kiswahili ambayo kwa maana rahisi ni kukumbuka kitu. Kama ambavyo historia inachukuliwa kama soma juu ya mambo ya kale, wanahistoria hufanya kumbukumbu ya vitu ya kale kutoka vyanzo mbalimbali. makusanyo na nyaraka za matukio ya zamani na vitu kuwekwa pamoja huunda Makumbusho ambayo kimsingi ina maaniisha Kumbukumbu.

Maonyesho ya makumbusho hutumiwa kuonyesha kumbukumbu ya matukio ya yaliyopita. Kumbukumbu inatukumbusha zamani ambayo inatoa njia katika siku zijazo. Tanzania kwa mfano Makumbusho mbalimbali huonyesha kumbukumbu nyingi za mambo ya kale.

TIBAO BERTIO. G. I

Nella discendenza de' Re antichi del Regno di Congo
chiamato cominciamente il Regno d'Angola da qualna de-
vino le Regna Congo

PARTE DE DIAMOND



Trabalho do ferreiro, publicado em descrição histórica dos três reinos do Congo, Matamba e Angola, de Giovanni Antonio Cavazzi Angola, século XVII

Sua explicação pode ser traduzida assim:

Kumbukumbu é uma palavra swabili que significa memória ou o ato de colecionar. Como a história é considerada o estudo do passado, historiadores coletam itens do passado de diferentes fontes. Todas as coleções e documentações dos acontecimentos passados reunidas formam um museu que, basicamente significa Kumbukumbu.

As exposições dos museus são usadas para mostrar as memórias e as coleções de acontecimentos passados. Kumbukumbu nos faz lembrar o passado que nos dá um caminho para o futuro. A Tanzânia, por exemplo, tem um grande número de museus que mostram muitas memórias do passado.

Essa exposição traz a público, portanto, exemplos do patrimônio material africano e nos ajuda a conhecer a história de grupos que habitaram aquele continente. O elo com o passado dos povos africanos é construído através da pesquisa histórica e antropológica, hoje realizada pela equipe do Setor de Etnologia e Etnografia, que embasa e sustenta o presente trabalho e as informações aqui apresentadas.



Argolas em metal usadas como pulseiras. Coleção Polícia da Corte. Século XIX



A exposição



*Montagem da sala de exposição
do Museu Nacional*

Foto Mariza Soares, 2014

A sala apresenta um conjunto de seis vitrines laterais e três centrais e um grande mapa onde é possível visualizar os países atuais e estabelecer a procedência dos objetos expostos. O mapa mostra a África atual, um continente que abarca 30 milhões de quilômetros quadrados distribuídos por 54 países e nove territórios, com mais de um bilhão de pessoas falando cerca de mil diferentes línguas. O continente tem riquezas incalculáveis em diamantes, petróleo e diversos minérios cuja exploração contribui para os maiores contrastes econômicos e sociais do mundo.

Os objetos mostrados ao longo do texto estão descritos segundo sua identificação étnica ou linguística. No final da legenda está indicado o país atual da procedência de cada um de modo a facilitar a localização no mapa e a época estimada de sua produção. As fotos das páginas 18 e 21 mostram etapas da montagem da exposição.

Caminhando pela sala da exposição no sentido horário, a partir da porta de entrada, temos a primeira vitrine, África, passado e presente, que dá um panorama geral do continente africano; a segunda trata da guerra colonial; a terceira exhibe objetos dos povos da floresta equatorial e tem relação com a vitrine central, que mostra uma grande presa de elefante; a quarta apresenta Angola depois da escravidão atlântica; e a quinta, os presentes enviados pelo rei do Daomé para o rei de Portugal como parte da sua diplomacia da amizade. Desse conjunto fazem ainda parte a bandeira e o trono, expostos nas duas outras vitrines centrais. A última vitrine é dedicada aos africanos no Brasil, abrangendo tanto os africanos nascidos na África quanto seus descendentes.

Passamos agora a apresentação mais detalhada de cada uma das vitrines com dados sobre os objetos e seus usos, os grupos que os produziram e os caminhos que os trouxeram até aqui.



*Montagem da sala de exposição
do Museu Nacional*
Foto Mariza Soares, 2014



1. África, passado e presente



Os africanos estão hoje integrados ao mundo moderno, mas ainda preservam hábitos, crenças, técnicas de produção e rituais muito antigos. Os objetos dessa vitrine falam do passado e de como esse passado marca profundamente a história dos países africanos atuais. A África é e sempre foi um continente multiétnico, multirreligioso e poliglota. Os movimentos migratórios ao longo de toda a história, a ocupação colonial (séculos XIX-XX) e os movimentos de independência (depois da década de 1960) levaram a uma divisão do território africano que não correspondeu às suas múltiplas fronteiras (étnicas, linguísticas e culturais, por exemplo). Desde então, movidos por conflitos de diferentes ordens e instigados pelos interesses coloniais e depois internacionais, os países modernos tem estado envolvidos em guerras e outras formas de violência.

Em meio a tantos povos e línguas e situados em um continente tão vasto, os africanos combinam suas diferenças com práticas e costumes hoje generalizados por todo o continente. O sofisticado trabalho em metalurgia, a arte em madeira, a música e seus instrumentos, a tecelagem

Banda de música do Palácio do rei de Lagos, Nigéria
Foto Mariza Soares, 2005

Pente, Swahili, África oriental
Século XIX

Tecelão do Benim atual
Desenho Maurílio de
Oliveira, 2014



Alaká, tecido feito em tear a partir de tiras costuradas,
África ocidental, século XX Comprado por Heloisa
Alberto Torres em Salvador, Bahia em 1953

manual e as variadas formas de arte são marcas dos povos e das culturas africanas hoje admiradas em todo o mundo e apropriadas pela cultura ocidental contemporânea.

Os tecidos, como eram valiosos e fáceis de serem transportados, foram usados como moeda pelos comerciantes, com eles compravam e vendiam outros produtos por todo o continente. Entre os mais valorizados tecidos da África sub-saariana estão os feitos em tear. Neles, os fios ou os tecidos já prontos são tingidos em várias cores nos tradicionais poços das tinturarias africanas.

Os instrumentos musicais são, talvez, os mais fortes exemplos da circulação de bens culturais dos povos africanos. Entre os instrumentos mais difundidos e usados atualmente está uma grande variedade de tambores. Já o lamelofone ou marimba de mão (também conhecido como sanza, kisanji, mbira ou kalimba) é hoje pouco conhecido, mas era muito apreciado no passado, inclusive pelos escravos trazidos para o Brasil.



Tambores (sem procedência)
Século XIX.



Mercado de Aneho, Togo
Foto Milton Guran, 2010

2. A guerra colonial



Arma de propulsão
Bacia do rio Zambeze,
século XIX

No sul do continente africano, entre o rio Zambeze e o rio Orange, estende-se o grande deserto do Kalahari (Botswana, Namíbia e África do Sul). O rio Okavango com seu fantástico delta interior, em vez de chegar ao mar, deságua no deserto fertilizando a terra. O deserto e seu entorno é território de vários povos nômades e criadores de gado. Entre eles ficaram mais conhecidos os Herero (Shona), na Namíbia, e os Zulu, na África do Sul.

Em meados do século XIX, os ingleses e os alemães chegaram ao litoral. Em 1884, na Conferência de Berlim, foi criado um protetorado alemão e os chamados Herero, que ocupavam vasto território na atual Namíbia, começaram



Arma de punho com adorno em fios de latão
Bacia do rio Zambeze, século XIX

a ser expropriados de suas terras. Em 1904, depois de uma série de conflitos, o exército alemão avançou sobre o território dos Herero e Namaqua. Por ordem do Kaiser Guilherme II, o general Lothar Von Trotha emitiu o seguinte comunicado:

Os Herero não são mais súditos alemães. Todos devem deixar suas terras. Os que se recusarem serão forçados a isso pelas armas. Todo Herero encontrado no interior das fronteiras alemãs (namibianas) com ou sem armas será executado. Mulheres e crianças serão conduzidas para fora do território alemão – ou serão fuziladas. Não será feito nenhum prisioneiro homem. Todos serão fuzilados.

O território considerado não alemão era o deserto, onde mais de 70% dos povos expulsos da Namíbia morreu de fome e sede, desencadeando o primeiro genocídio da era colonial e do século XX.

As armas expostas nesta vitrine são contemporâneas a essa guerra e, possivelmente, foram usadas e apreendidas durante esses vinte anos de conflito. Elas apresentam como característica o adorno com fios de latão e, em sua maioria, são de propulsão. Parte desta coleção foi vendida pelo viajante e coletor francês Albert Mocquerys ao Museu Nacional em 1902.



Homens do povo Herero aprisionados pelos alemães, século XX Foto s/ autor, wikipedia.com



Armas. Bacia do rio Zambeze, século XIX

PARA SABER MAIS

A coleção de armas africanas do Museu Nacional

PÁG.

75



Armas de punho usadas também como armas cerimoniais e mesmo como moeda de troca
Camarões, século XIX

3. Os povos da floresta equatorial

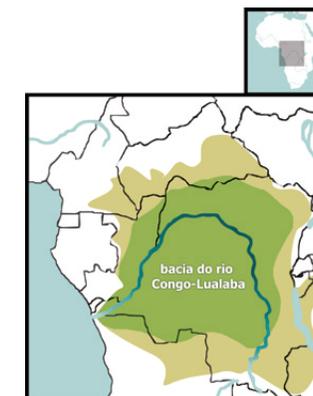


Cabaça para líquidos
Bali, Camarões, século XX

Em um passado longínquo, a floresta equatorial - cortada pelos rios Congo e Lualaba - era ocupada por povos nômades e coletores. Há mais de mil anos, os ancestrais dos atuais povos Bantu começaram a migrar do centro do continente para oeste, até chegarem ao litoral atlântico. Pelo caminho foram se misturando com os povos locais, ensinando a agricultura e a metalurgia e estabelecendo novos povoados. Aqueles que permaneceram nômades na floresta ficaram pejorativamente conhecidos como “pigmeus”.

Esse conjunto de povos ocupa hoje toda a floresta e seu entorno (Camarões, Guiné Equatorial, Gabão, República do Congo, República Democrática do Congo e Angola). Apesar da proximidade linguística, eles tem organização social e culturas bem distintas. Dessa região saíram os escravos conhecidos no Brasil como “congos”, “loangos” e “angicos”.

Durante a ocupação colonial, os estudiosos e os comerciantes de arte europeus divulgaram por todo o mundo a cultura material desses povos.





Comerciantes de marfim da floresta equatorial, falantes da língua Fang
Provavelmente Gabão, século XX, foto s/autor, wikimidia.com



Detalhe de entalhe em presa de elefante grande
Bacia do rio Congo, século XIX



Pequena presa de elefante
Loango, século XIX

Assim, foram criadas as primeiras grandes coleções etnográficas e artísticas africanas que conhecemos hoje. Os objetos aqui apresentados pertenceram aos povos que habitavam os territórios ocupados pelos alemães (atual Camarões), belgas (atual República Democrática do Congo) e franceses (República do Congo). Quase todos chegaram ao Museu Nacional através de permutas, por meio das quais a cobiçada arte indígena e os exemplares da flora, fauna e minerais do Brasil foram trocados por objetos de coleções africanas dos museus desses países.

A grande presa de elefante esculpida e exposta em uma das vitrines centrais foi trazida do entorno da bacia do rio Congo. Apresenta elementos decorativos com temas africanos, indicando ter sido exportada já pronta, provavelmente nos primeiros anos do século XX. Presas de elefante esculpidas com motivos decorativos são uma arte muito antiga. Durante a vigência do comércio atlântico de escravos, muitas eram levadas in natura nas embarcações, junto com escravos, para serem esculpidas e comercializadas em ateliers de várias partes do mundo. A matança de elefantes para atender a essa demanda quase dizimou as manadas africanas durante a primeira metade do século XX.



Mpu. Carapuça de chefe local, Cabinda, Angola
Doação de Francisco Teixeira Miranda em 1850



*Ngumba e Inkisi. Representações em
madeira de entidades sobrenaturais*
Bacia do rio Congo, século XIX



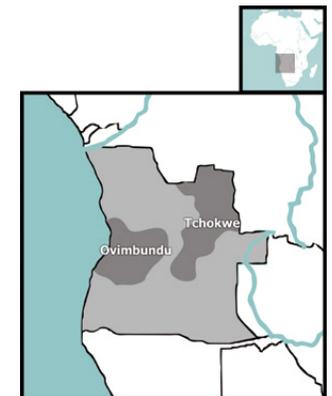
Um soba com seu séquito trazendo bastões Angola, século XX
Coleção João Cristiano F., 1912. <postaisportugal.canalblog.com>

4. Angola depois da **escravidão atlântica**



O território que hoje corresponde a Angola exportou cerca de três milhões de pessoas escravizadas para o Brasil entre 1530 e 1850, quando foi oficialmente abolido o tráfico atlântico. Em Angola, a escravidão perdurou até 1878, ano em que se tornou proibida pela legislação colonial portuguesa. Na prática, ali a escravidão se estendeu até 1910.

Angola permaneceu como colônia de Portugal até 1975. Durante todo o período colonial, a população local foi submetida ao trabalho forçado, muito semelhante aos tempos da escravidão, e



Chibinda Ilunga, ancestral mítico.
Angola, século XIX.



Mulher fazendo farinha, Humpata, Angola
Foto Luis Carriso, 1927



Bastões cerimoniais,
Angola, século XIX



Cesto, Coleção Celenia Pires
Ovimbundu, Angola, século XX

também a um processo compulsório de “assimilação”, que consistia em civilizá-la conforme os padrões culturais europeus. Além dos funcionários coloniais, missionários católicos e protestantes de várias nacionalidades se instalaram nas partes mais remotas do país para converter os povos de Angola à fé cristã, colaborando no processo de assimilação.

Os objetos aqui apresentados exemplificam duas regiões bem distintas de Angola. O primeiro conjunto é composto por objetos trazidos do território Tchokwe (norte e leste) e foram recolhidos em diferentes épocas. Os Tchokwe (Quiôco) são conhecidos por seu primoroso trabalho em madeira, que os tornou mundialmente famosos no mundo das artes. Temos aqui exemplares de esculturas e bastões. Embora pareçam semelhantes, os bastões tem funções diversas. Os mais simples são as mocas, usadas na caça como arma de punho ou propulsão. Os bastões adornados são usados como objetos cerimoniais.



Machadinha ritual, Coleção Celenia Pires
Ovimbundu, Angola, século XX



Peneira, Coleção Celenia Pires
Ovimbundu, Angola, século XX



Colheres de madeira, Coleção Celenia Pires
Ovimbundu, Angola, século XX

O segundo conjunto de objetos representa a vida cotidiana dos povos do planalto central, hoje designados Ovimbundu. Foram doados ao Museu Nacional em 1936 pela professora pernambucana e missionária congregacional em Angola, Celenia Pires Ferreira. A coleção inclui, em sua maioria, objetos de uso doméstico e de adorno.

Reij D'Agome

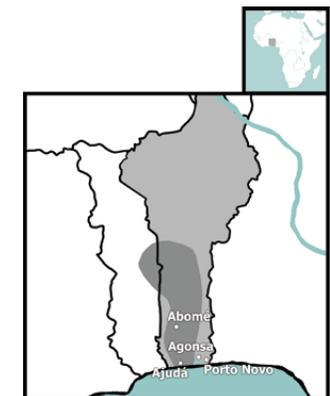
5. A diplomacia da amizade



Abano de pelo de cavalo usado nas danças do Daomé Benim, século XIX

Em 1810, o rei Adandozan do Daomé (reino situado no centro-sul do atual Benim) enviou vários presentes a D. João, príncipe regente de Portugal que na ocasião vivia no Brasil. Eram todos objetos de seu uso pessoal, alguns deles de uso restrito do rei e dignatários do reino. Sabendo da assinatura do Tratado de Aliança e Amizade entre o Brasil e a Inglaterra, que em 1810 estabeleceu o fim gradual do tráfico de escravos, a embaixada do Daomé tentava negociar com D. João privilégios para o comércio de escravos com o Brasil.

O reino do Daomé, através da guerra contra povos vizinhos, fazia muitos prisioneiros e se tornou um dos maiores exportadores de escravos para as



Carimbo do rei do Daomé, usado em sua correspondência Benim, século XIX



4 Algérie. — Behanzin ex-roi du Dahomey sa famille et sa suite

Amis, tous amis ! »

Cartão postal do rei Behanzin do Daomé e sua família no exílio Argélia, século XX



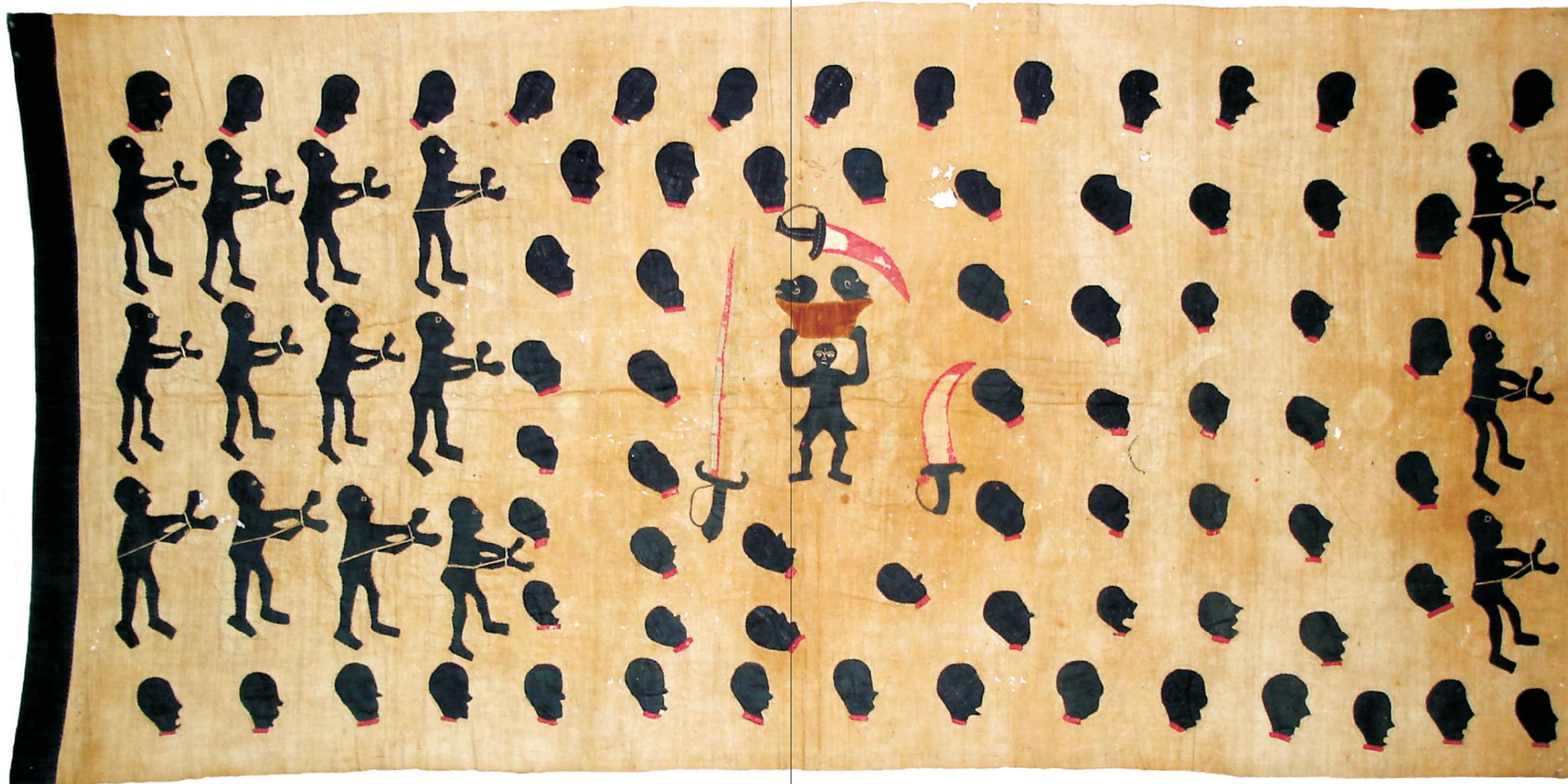
Touca de tecido brocado enfeitada de búzios usada pelo rei do Daomé Benim, século XIX



Bolsa de tabaco usada na África ocidental. Benim, século XIX

Américas. A capital do reino era Abomé, de onde partiram os embaixadores com seus presentes. Os embaixadores atravessaram o Atlântico em uma embarcação de escravos e aportaram na Bahia. Trouxeram com eles os presentes e também uma carta, hoje guardada no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Alguns dos presentes trazidos encontram-se em exposição, tais como a touca real, estojos e capa para cachimbo, abanos rituais usados em dança, bolsas, tabaco, sandálias régias, bengala, além do trono real e de uma bandeira de guerra, que estão em destaque nas vitrines centrais da sala. O trono sempre esteve exposto no Museu Nacional, desde sua primeira exposição em 1819. A bandeira mostra imagens de inimigos de Adandozan aprisionados e decapitados. Enviar mensagens através de desenhos tecidos é uma antiga prática no reino do Daomé. A bandeira registra as vitórias de Adandozan nas guerras contra seus inimigos. Junto com a bandeira mostramos alguns objetos de controle e punição provavelmente trazidos da Bahia.



PARA SABER MAIS

*A diplomacia do
comércio de escravos*

PÁG.

65

*Bandeira de guerra enviada pelo rei Adandozan do Daomé
como presente ao regente D. João no Rio de Janeiro em 1810.*

Foto C. Veloso, 2013.

Devido à fragilidade do tecido a exposição apresenta uma cópia
da bandeira feita pela museóloga Rachel Correia Lima.



*Banquinho de yao
no candomblé,
Coleção Heloísa
Alberto Torres*
Bahia, Brasil,
século XX



*Agogô (instrumento musical ritual),
doação de Sylvino Manoel da Silva,
ogã do candomblé do Gantois em 1940*
Coleção Heloísa Alberto Torres
Bahia, Brasil, século XX



*Boneca de pano representando a "baiana",
Coleção Heloísa Alberto Torres*
Bahia, Brasil, século XX

6. Africanos no **Brasil**

A presença de africanos e de seus descendentes no Brasil está marcada pela violência da escravidão e pelo pós-abolição. A última vitrine da exposição trata do modo como os africanos se instalaram e recriaram seu mundo a partir do final do século XIX, em particular na Bahia e no Rio de Janeiro. A vitrine está dividida em três segmentos: as apreensões da Polícia da Corte, a coleção Heloísa Alberto Torres e os estudos recentes produzidos no Museu Nacional.

O primeiro segmento mostra objetos que pertenceram aos antigos candomblés do Rio de Janeiro conhecidos como zungus ou casas de dar fortuna. Ali se cultuavam inkices (bantu), orixás (yorubá) e voduns (jêjemahi). Perseguidas pela polícia, as casas eram invadidas e tinham seus objetos confiscados e levados às delegacias como provas materiais da prática de rituais alegadamente proibidos. Os frequentadores dessas casas eram perseguidos e presos. Sabendo da existência desses objetos no depósito da Polícia da Corte, o então diretor do Museu Nacional, Ladislau Netto, interessou-se por eles e passou a pedir que lhe fossem enviados para estudo. Na década de 1880, o Museu Nacional formou uma coleção que guarda as antigas técnicas de metalurgia e o conhecimento da arte da escultura em madeira, exemplos materiais das práticas religiosas dessa última geração de africanos e de seus descendentes diretos.

PÁG.

71

PARA SABER MAIS

Coleção Polícia da Corte

O segundo segmento apresenta uma coleção de objetos do Candomblé Nagô da Bahia formada pela antropóloga Heloísa Alberto Torres, então diretora do Museu Nacional, em 1940 e complementada em 1953. O candomblé nagô foi elaborado por africanos escravizados de língua yorubá trazidos para a Bahia. As esculturas em madeira representando os orixás foram esculpidas pelo artesão José Afonso de Santa Isabel. Além das esculturas, integram a coleção um agogô, instrumento bastante difundido na África Ocidental, duas bonecas vestidas à moda das mulheres da Bahia nos anos de 1940 e alguns “banquinhos de igreja” que, no candomblé nagô, eram de uso das pessoas de menor hierarquia (a yalorixá ou mãe de santo, por exemplo, senta-se em uma grande cadeira).

O último segmento desta vitrine apresenta alguns trabalhos recentemente produzidos no Museu Nacional relativos a temas da presença africana no Brasil. Além do Setor de Etnologia e Etnografia, que organizou a exposição e vem desenvolvendo estudos sobre algumas coleções, destacamos as pesquisas do Setor de Antropologia Biológica, do Laboratório de Arqueologia (Casa de Pedras) e do Laboratório de Pesquisas em Etnicidade, Cultura e Desenvolvimento (LACED).

O Setor de Antropologia Biológica vem desenvolvendo estudos a partir de moldes de arcadas de índios do grupo Tenetehara-Guajajara do rio Pindaré, Maranhão, que mostram modificações dentárias comuns em toda essa região, como as encontradas em várias partes da África sub-saariana. As arcadas em gesso expostas apresentam modificações nos dentes incisivos semelhantes às da foto dos dois meninos da região do Dande, Angola (1927). Tudo indica que as populações indígenas do Nordeste adotaram essas modificações a partir do contato prolongado com escravos africanos fugidos e aquilombados em seus territórios ao longo do século XIX.

O Laboratório de Arqueologia do Museu Nacional possui uma coleção de cachimbos de barro recuperados em escavações arqueológicas no município de Itaboraí, Rio de Janeiro. A forma e os motivos decorativos

desses cachimbos indicam terem sido fabricados por africanos ou por seus descendentes diretos. Já o LACED desenvolve o projeto Coleção Documentos Sonoros. O CD *Ilê Omolu Oxum. Cantigas e toques para os Orixás* (2004) traz gravações de músicas de candomblé em parceria com o Memorial Iyá Davina (São Matheus, São João de Meriti, RJ).

A vitrine se encerra exibindo um conjunto de três objetos de procedência não identificada a fim de exemplificar a dimensão do que ainda desconhecemos dos muitos caminhos que percorreram os objetos que hoje compõem a coleção Africana do Museu Nacional. Trata-se de um exemplar de um opelé ifá e de dois edans usados por grupos yorubá. A ausência de informações mais completas deixa em aberto um arco de dúvidas e de questionamentos que só a continuidade da pesquisa poderá responder. Por isso, além de ser um lugar de guarda do passado, um museu é também uma instituição de pesquisa, voltada para o futuro e para a produção de novos conhecimentos.



Oyé de Xangô, Coleção Polícia da Corte
Rio de Janeiro, século XIX.



Para saber mais



*Detalhe da bandeira
de guerra de Adandozan
Benim, século XIX*

a . A **diplomacia** do comércio de escravos, Brasil-Daomé, **1810-1812**

Mariza de Carvalho Soares *

O rei Adandozan governou o Daomé (atual Benin) entre 1796 e 1818. Em 1810 ele enviou ao Brasil uma embaixada que chegou à Bahia em janeiro de 1811. O objetivo da embaixada era renegociar as condições do comércio de escravos entre o Brasil e o Daomé ameaçadas pelo Tratado de Aliança e Amizade assinado entre Portugal e Inglaterra em junho de 1810. O Tratado incluía um pacto em prol da extinção do comércio atlântico de escravos e, por isso, ameaçava os interesses de Adandozan, que controlava o comércio no porto de Ajudá.

Os embaixadores trouxeram com eles cartas e presentes enviados pelo rei Adandozan ao então príncipe regente d. João, que desde 1808 residia no Rio de Janeiro. A análise das cartas enviadas por Adandozan a d. João em 1810 permite acompanhar a atuação dos personagens que atuaram nesse episódio: o rei Adandozan; os embaixadores do rei desembarcados na Bahia; o conde dos Arcos, governador da Bahia; o conde das Galveas, membro do Conselho de Estado; e o príncipe d. João, os dois últimos instalados no Rio de Janeiro.

* Curadora da exposição Kumbukumbu; pesquisadora colaboradora do Departamento de Antropologia do Museu Nacional; professora colaboradora do Programa de Pós-Graduação em História da UFF; pesquisadora 1d do CNPq.



Seguindo os costumes, os embaixadores de Adandozan devem ter deixado Abomé, capital do reino, em grande pompa. Levando consigo as cartas e os presentes, embarcaram no porto de Ajudá com destino ao Rio de Janeiro, fazendo escala na Bahia. Chegando à Bahia, a embaixada foi detida pelo governador que não permitiu seu reembarque para o Rio de Janeiro, prometendo em troca remeter as cartas e os presentes a d. João. Junto com as cartas e os presentes, o conde dos Arcos enviou uma correspondência ao conde das Galveas explicando a situação e dando conta de que tinha detido a embaixada na Bahia. Na correspondência ele se referiu às cartas de Adandozan como “escritos abomináveis” e aos presentes como “montões de objetos frívolos”.

Se nas grandes decisões dos rumos do Império português deve-se considerar a capacidade de articulação dos ministros e os interesses econômicos envolvidos, nesse episódio a atitude pessoal de d. João e a

longevidade das relações diplomáticas e comerciais entre Portugal e os reinos africanos parecem ter pesado no comportamento do príncipe. Tanto d. João quanto Adandozan se comportaram como monarcas herdeiros de antigos laços comerciais que corriam o risco de se esgarçar. A troca de cartas e presentes seguiu uma diplomacia que já começava a se mostrar anacrônica, mas ainda eficaz. Apesar do novos tratados, o comércio atlântico de escravos sobreviveu ao rei Adandozan e a d. JoãoVI.

Por ora os únicos presentes identificados nessa troca de correspondência são os que pertencem ao acervo do Museu Nacional, mas possivelmente tanto no Brasil quanto em Portugal existem outros. Segue a lista completa dos presentes que Adandozan chamou de “galanterias”, conforme listados na carta:

“...dois alforjes para quando for à caça [...] e mais duas bolsas para o tabaco do seu cigarro; mais dois pares de alpercatas [...] e mais dois abanos [...] e mais um coxim para encostar o seu espreguiceiro; e mais quatro bastões para trazer na mão [...] e duas forquilhas para se encostar nelas; e mais duas esteiras para botar ao pé de sua cama. Remeto sete panos [...] e um calção [...] V. Real Alteza pode vestir os ditos calções e rebuçar-se em um pano destes. [...] Remeto quatro moleconas, e dois molecões” [...] mais duas patronas para o uso da Sua calça; remeto mais uma das cadeiras da minha terra; e mais uma caixa para meter o seu cachimbo [...] Remeto mais três anéis a saber dois de prata e um de ouro [...]; e mais 2 fuzis; e mais um chapéu de sol grande para o Seu uso. [...] Também remeto uma bandeira de guerra que fiz da gente que apanhei.”

Não apenas as cartas, hoje pertencentes ao acervo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), mas também os presentes chegaram ao Rio de Janeiro e foram preservados. Da lista feita na carta, vários presentes ainda não foram encontrados, entre eles os anéis. São todos objetos usados pelo próprio rei do Daomé e, portanto, compatíveis com o rei de Portugal que Adandozan chamou de “irmão”. Merecem destaque os dois pares de sandálias e a cadeira, na verdade a cópia de um trono, ambos de uso exclusivo dos reis. Até agora encontramos na reserva técnica do Setor de Etnologia e Etnografia do Museu Nacional a bandeira, o trono, quatro bengalas, três panos, dois abanos, um par de sandálias, uma bolsa de tabaco, um alforge, uma calça. Esse conjunto compôs a coleção inaugural do Museu Real fundado por d. João em 1818, hoje Museu Nacional.

Os embaixadores permaneceram na Bahia até 1812 quando, finalmente, retornaram ao Daomé sem conseguir seu objetivo, que era a exclusividade do comércio de escravos com o Brasil. Os presentes são hoje exemplares do patrimônio material daqueles anos.

Bibliografia

- ARAUJO, Ana Lucia. “Dahomey, Portugal and Bahia: King Adandozan and the Atlantic Slave Trade”. *Slavery & Abolition*, vol 33, n. 1, march (2012), 1-19.
- PARÉS, Luís Nicolau Parés. “Cartas do Daomé” (Introdução, cartas, comentário e notas). *Afro-Ásia*, 47 (2013), 295-395.
- RODRIGUES, Jaime. “O tráfico de escravos e a experiência diplomática afro-luso-brasileira: transformações ante a presença da corte portuguesa no Rio de Janeiro”. *Anos 90*, Porto Alegre, v. 15, n. 27, jul (2008), 107-123.
- SILVA, Alberto da Costa e. “Uma visão brasileira da escultura tradicional Africana”. In Peter Junge (org.). *Arte da África*. Rio de Janeiro: Centro Cultural Banco do Brasil, 2004.
- SOARES, Mariza de Carvalho. “Trocando galanterias: a diplomacia do comércio de escravos, Brasil-Daomé, 1810-1812”. *Afro-Ásia*, 49 (2014), 229-271.
- VERGER, Pierre. “Uma rainha africana mãe de santo em São Luís”. *Revista da USP*, vol. 6, jun-ago (1990), 151-158.



Trono enviado pelo rei Adandozan do Daomé a D. João em 1810
Benim, século XIX



Ferramentas apreendidas pela Polícia da Corte nas chamadas “casas de dar fortuna” do Rio de Janeiro Brasil, século XIX

b . Coleção **Polícia** da Corte

Carolina Cabral Ribeiro de Almeida *

A coleção Polícia da Corte possui cerca de setenta objetos identificados e é uma das mais antigas do acervo de objetos africanos do Museu Nacional. Trata-se de uma coleção de objetos apreendidos pela Polícia da Corte e doados ao Museu Nacional no período de 1880-1887, última década da escravidão no Brasil. As peças doadas estão relacionadas às práticas religiosas e sociais de africanos e de seus descendentes no Brasil que, na época, eram proibidas pela polícia, tais como o jongo e o candomblé.

Ao longo do século XIX, as batidas policiais ocorriam com frequência nas chamadas “casas de dar fortuna”, onde pessoas livres e escravizadas celebravam suas festas e realizavam seus rituais religiosos em meio a frequentes iniciativas de controle e cerceamento da polícia. Entre as práticas condenadas estavam incluídas o que chamavam de “feitiçaria” e “magia” e, por extensão, as curas, os batuques e o hoje denominado candomblé. As perseguições e repressões eram realizadas com base na ideia de que as festas e os rituais religiosos de matriz africana pudessem ser ameaças perigosas à moral e aos bons costumes da Corte, além de serem considerados ofensas à religião oficial do Império do Brasil, o catolicismo.

Sabendo das apreensões de objetos pela polícia, Ladislau de Souza

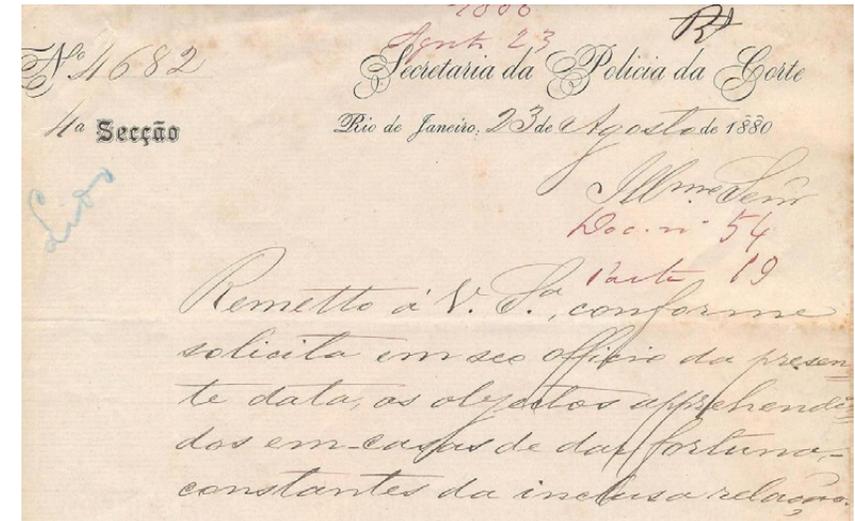
* Mestranda no Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal Fluminense. Em 2013-2104 foi bolsista PIBIC/CNPq no Setor de Etnologia e Etnografia do Museu Nacional vinculada ao projeto Africana do Museu Nacional.

Mello e Netto, então diretor do Museu Nacional, a partir de 1880 passou a enviar ofícios à Secretaria da Polícia solicitando que tais objetos fossem encaminhados ao Museu. No ofício datado de 23 de agosto de 1880, Ladislau Netto fez seu primeiro pedido, alegando que os objetos estariam à disposição da polícia para qualquer esclarecimento ou estudo e que seriam de grande importância e interesse para o conhecimento dos costumes africanos e para o desenvolvimento e avanços da ciência etnológica.

É neste mesmo ofício que se encontra a relação de 96 peças, incluindo facões, ventarolas, argolas, campainhas, bacia, guizos, penteiros, pentes, taças, mesa e pedaços de metais. Foi esta, portanto, a primeira doação de objetos apreendidos nas “casas de dar fortuna” ao Museu Nacional. A partir de agosto de 1880, a interlocução entre o Museu Nacional e a Polícia da Corte passou a ser recorrente. Na Seção de Memória e Arquivo do Museu Nacional (SEMEAR) encontramos mais de dez documentos que mostram os sucessivos ofícios trocados entre as duas instituições. Através de sua leitura podemos afirmar que entre 1880 e 1887 mais de cem peças foram entregues ao Museu Nacional.

A correspondência mostra também o interesse do diretor do Museu Nacional em formar uma coleção de objetos por ele denominados “africanos”, categoria administrativa atribuída a todos os objetos pertencentes a escravos ou livres, procedentes do Brasil ou da África. Esta categoria tendia a homogeneizar as diferenças internas entre os grupos étnicos escravizados. No livro de registro do Setor de Etnologia e Etnografia do Museu Nacional, esta é a única identificação dos objetos doados pela Polícia da Corte. As peças que reconhecemos como integrantes desta coleção foram identificadas a partir do seu cruzamento com documentos escritos conservados na SEMEAR. Infelizmente, não foi possível identificar todas elas.

A partir deste cruzamento percebemos o diálogo estabelecido entre a Polícia da Corte, instituição de repressão às práticas culturais de africanos e de seus descendentes, e o Museu Nacional, prestigiada instituição científica do Império do Brasil, reconhecida por seus estudos de Ciências Naturais e dirigida por Ladislau Netto que, no final século



Trecho da carta da Polícia da Corte que acompanhou a doação dos objetos das “casas de dar fortuna” ao Museu Nacional. Seção de Memória e Arquivo-SEMEAR, Museu Nacional, 1880

XIX, demonstrou interesse em formar uma coleção de objetos africanos e, assim, contribuir para o avanço dos estudos da etnologia.

Bibliografia

- ALMEIDA, Carolina Cabral R. Da Polícia ao Museu: a formação da coleção africana do Museu Nacional na última década da escravidão. 2014. Monografia (Graduação em História). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.
- HOLLOWAY, Thomas H. *Polícia no Rio de Janeiro: repressão e resistência numa cidade do século XIX*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1997.
- SANTOS, Thiago Lima dos. Leis e Religiões: as ações do Estado sobre as religiões no Brasil no século XIX. In: *ANPUH – Memória e Narrativas nas Religiões e nas Religiosidades*, 2013. Anais do IV Encontro Nacional do GT de História das Religiões e das Religiosidades, 2013.
- SOARES, Mariza de Carvalho; LIMA, Rachel Corrêa. A Africana do Museu Nacional: história e museologia. In: AGOSTINI, Camilla (Org.) *Objetos da Escravidão: abordagens sobre a cultura material da escravidão e seu legado*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013, pp. 337-360.
- SOUZA, Rafael Pereira de. “Batuque na cozinha, sinhá não quer!”. Repressão e resistência cultural dos cultos afro-brasileiros no Rio de Janeiro (1870-1890). 2010. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.



*Arma de punho e propulsão, quando
adornada como o exemplar aqui mostrado
pode ter uso cerimonial*
Bacia do rio Zambeze, século XIX

c. A Coleção de **armas africanas** do Museu Nacional

Aline Chaves Rabelo *

Parte da coleção de armas africanas do Museu Nacional encontra-se atualmente exposta na sala *Kumbukumbu: África, memória e patrimônio*. O estudo dessa coleção nos oferece possibilidades de abordagens e caminhos de reflexão que vão além do acesso imediato à ideia de funcionalidade inscrita numa dualidade “ataque e defesa”. Os objetos expostos, colocados sob a categoria armas, nos convidam a pensar nestas peças como portadoras de histórias de poder no contexto de sociedades africanas: o poder do homem frente a outro homem, frente à terra ou a animais. A arma é indissociável do poder; marca uma desigualdade que privilegia seu portador. É neste sentido que podemos concebê-las, não apenas como instrumentos de guerra, caça, pesca, defesa contra animais selvagens ou outras atividades ligadas à sobrevivência cotidiana dos membros de um grupo étnico. Algumas destas lanças e machados são objetos rituais ou denotam o status social de quem os possui. Podemos dizer, portanto, que

* Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional/ Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde pesquisou sobre as práticas de representação de museus nacionais da Tanzânia, do Kenya e de Moçambique por meio de suas respectivas coleções etnográficas.

estes objetos permitem que conheçamos um pouco sobre algumas práticas sociais e valores culturais de seus respectivos povos.

Mas há ainda outras oportunidades de conhecimento apresentadas por este conjunto de armas. Todas possuem uma parte de metal supostamente cortante ou perfurante. A metalurgia foi uma tecnologia criada pelos povos do tronco linguístico Bantu, um grupo que há mais de 2000 anos começou a se dispersar provavelmente na área entre os rios Níger e Congo, migrando da África Central para o leste africano e para o sul. Hoje, os Bantu são representados por mais de 500 grupos étnicos e distribuem-se por toda a África subsaariana. Uma das primeiras e principais consequências do desenvolvimento das técnicas de metalurgia foi o aprimoramento de métodos de cultivo da terra e, assim, o crescimento da população bantu.

A sala da exposição possui uma vitrine que apresenta apenas armas. Tais peças são provenientes de povos bantos habitantes do sul da África e foram coletadas no século XIX. Levando em conta que o “tronco Bantu” está dividido em macrogrupos etnolinguísticos e estes, em subgrupos ou clãs, torna-se, por vezes, dificultada a identificação precisa da origem do objeto – era comum, inclusive, que os europeus relacionassem diferentes grupos étnicos como pertencentes a um mesmo grupo. Segundo os registros do Museu Nacional, quase todas as armas expostas são provenientes do Vale do Rio Zambeze. O Zambeze é o quarto rio mais longo do continente africano: nasce na Zâmbia, atravessa o leste da Angola, faz a interseção entre a Namíbia, Zâmbia, Botswana e Zimbabwe, segue delimitando a fronteira entre a Zâmbia e o Zimbabwe até entrar no território moçambicano e desaguar no Oceano Índico. Este percurso serviu como uma das principais rotas comerciais e de exploração para exportações, muito em função das minas de ouro encontradas no interior do continente, sobretudo onde hoje é a Zâmbia. A região, rica em minérios, possibilitou aos grupos que ali habitavam a utilização em abundância de alguns metais, tais como o zinco e o cobre – e a liga formada por estes dois, que dá origem ao latão.



O trabalho com fios de latão está presente na maioria das armas em exibição. Há referências de que esta técnica era desenvolvida pelos Shona, um macrogrupo etnolinguístico do tronco Bantu. De fato, os Shona foram o maior grupo a se estabelecer no Vale do Zambeze, constituindo, inclusive, um dos Estados mais poderosos da região no século XVI. Portanto, é provável que algum (ou alguns) de seus subgrupos tenha sido o dono destas armas. Atualmente, estas armas ornadas em fios de latão são muito apreciadas pelo mercado “ocidental” de arte africana.

Outras peças servem de fio condutor para outros fragmentos históricos. Os dois machados com lâmina à semelhança de um “bico de pato” seriam originários dos Nama (ou Namaqua), um povo que habita territórios da Namíbia, da África do Sul e de Botswana, pertencente ao grupo etnolinguístico Khoisan. De acordo com informações que constam no livro de entrada do Museu Nacional, estas armas dos Nama eram utilizadas para matar elefantes. Entretanto, ao recorrermos a acervos de outros museus e a informações de outros estudos, encontramos descrições que apontam para machados bastante similares que seriam pertencentes aos Tchokwe (ou Chokwe), povo Bantu também residente na Namíbia

– e na Angola, na Zâmbia e na República Democrática do Congo. Soma-se a esses dados um provável intercâmbio estabelecido entre os Tchokwe e os Ovimbundu, o maior grupo étnico (também Bantu) da Angola, sobre o qual há registros no Museu Nacional que sugerem sua ligação ao machado adornado de miçangas, igualmente exposto na vitrine das armas. As semelhanças entre estes três machados é evidente, ainda que pudessem ter finalidades distintas.

Citar os Nama é evocar um episódio histórico que envolveu o grupo de modo atroz, durante o período colonial. Nos primeiros anos do século XX, os alemães, então colonizadores do atual território da Namíbia, expulsaram os Nama e os Herero de suas terras e declararam que exterminariam estes povos. As populações, de fato, foram praticamente dizimadas (e muitos deles foram feitos prisioneiros ou escravos) nesta passagem que ficou conhecida como o primeiro genocídio colonial cometido contra povos africanos.

Este genocídio e os processos coloniais, como um todo, ressaltam um outro tipo de poder que o conjunto destas armas evidencia: o poder afirmado pela dominação colonial. As “armas” – instrumentos de significação social e cultural – foram coletadas, confiscadas ou retiradas de seus povos originais durante a exploração europeia do continente africano, e sofreram um processo de resignificação enquanto objetos que explicitam essa dominação. A arma do africano colonizado é reinventada pelo seu colonizador. Ela deixa de ser símbolo de bravura, coragem e resistência para se tornar uma representação da inferioridade do vencido; ela deixa de falar, para calar. Ela é calada. Passa a ser uma peça (“primitiva”) de contemplação, resultado da dominação hegemônica europeia. Os museus foram – e muitos deles ainda são – locais de reconstrução e reprodução deste discurso colonial. Portanto, é fundamental que estas instituições se preocupem em desenvolver um trabalho de descolonização de suas coleções, a fim de “libertarem” os objetos e suas histórias, abrindo espaço para a reivindicação e a ocupação de outras narrativas.

Bibliografia

- BARTH, Fredrik. *O guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. [org.] Tomke Lask. Tradução de John Cunha Comerford. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria. 2000.
- BOAHEN, Albert Adu (ed). *História Geral da África, VII: África sob dominação colonial, 1880-1935*. Brasília: UNESCO. 2010.
- GEWAD, J-B. “The herero genocide: German unity, settlers, soldiers, and ideas”. In: Bechhaus-Gerst, M. & Klein-Arendt, R.(eds) *Die (koloniale) Begegnung: AfrikanerInnen in Deutschland 1880-1945, Deutsche in Afrika 1880-1918*. Frankfurt am Main: Peter Lang, 2003. pp. 109-127.
- ISAACMAN, Allen F. “Os países da Bacia do Zambeze”. In: AJAYI, J. F. Ade (ed.). *História Geral da África, VI: África do século XIX à década de 1880*. Brasília: UNESCO. 2010.
- MLOLA, Gervase Tatah. *The ways of the tribe*. Dar Es Saalam: E & D Vision Publishing. 2010.
- SOARES, Mariza de Carvalho e LIMA, Rachel Correa. “A Africana do Museu Nacional: história e museologia”. In: Camilla Agostini (org.) *Objetos da escravidão. Abordagens da cultura material da escravidão e seu legado*. Rio de Janeiro: Sette Letras. 2013.



Boneca ritual, coleção Celenia Pires
Bié, Angola, século XX

d . A viagem de **Celenia Pires** a Angola

Michele de Barcelos Agostinho *

A coleção Celenia Pires Ferreira é constituída de quarenta e quatro objetos e foi doada ao Museu Nacional em 1936. A maior parte da coleção é derivada da experiência da professora Celenia Pires no trabalho missionário em Angola entre os anos de 1929 e 1934. Apenas dois objetos da coleção são da Nigéria e um não apresenta procedência. Celenia Pires era brasileira, natural de Pernambuco, mas moradora de Campina Grande, Paraíba, onde trabalhava com professora. Integrante da Igreja Congregacional, Celenia partiu em missão para o planalto central de Angola a fim de ensinar a língua portuguesa às pessoas que ali viviam, no caso os Ovimbundu. Era também dever de Celenia ensinar o cristianismo.

Naquela época, Angola não era um país livre, pois estava sob o domínio colonial de Portugal. O governo português, além de explorar a mão de obra da população e de extrair riquezas daquele território, pretendeu coibir as práticas culturais dos diferentes grupos étnicos que ali viviam, ensinando-lhes a religião cristã, a língua portuguesa e os hábitos europeus, considerados civilizados e evoluídos. Este processo ficou conhecido como “assimilação”. Nesse sentido, muitas missões católicas e

* Doutoranda em História Social pela UERJ. Técnica em Assuntos Educacionais do Setor de Etnologia e Etnografia do Museu Nacional/UFRJ. Professora de História da Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro.



protestantes atuaram em Angola com o objetivo de tornar sua população assimilada, isto é, portadora da cultura europeia. O trabalho dos missionários consistia em expandir a fé cristã e, juntamente, promover melhorias sociais, seja na educação ou na saúde, através da construção de escolas, hospitais, etc. Substituindo a língua, a religião e os hábitos nativos pela língua, religião e hábitos portugueses, os missionários acreditavam promover a evolução dos africanos e garantir o controle sobre eles.

Celenia doou ao Museu Nacional uma coleção de objetos adquiridos enquanto esteve em Angola. Entre os objetos doados, temos três livros utilizados nas escolas missionárias: uma versão reduzida da Bíblia, com os Evangelhos e os

Atos dos Apóstolos escritos em português e em umbundu (1923); o livro *Higiene Tropical*, que trata de higiene, saúde e alimentação, também escrito em português e em umbundu (1926); e o livro de narrativas *Viovusenge*, escrito somente em umbundu (1916). Vale informar que umbundu era a língua falada pelos Ovimbundu. A coleção ainda apresenta objetos como: pentes, pulseiras, tornozeleiras, grampos de enfeite, colheres, cestos, bolsa, boneca, enfim, utensílios do universo feminino. Integram também a coleção instrumentos de música e objetos religiosos. Boa parte da coleção está na exposição Kumbukumbu. O que não está exibido ao público permanece guardado na reserva técnica do Setor de Etnologia e Etnografia do Museu Nacional.

Os objetos doados tinham usos e funções no cotidiano da vida daquelas pessoas e foram retirados de seu contexto para tornarem-se itens de uma coleção particular e, depois, parte de um acervo museológico. O deslocamento dos objetos do uso cotidiano para o museu acaba dando-lhes

significados diferentes, tornando-os atrativos a estudantes, pesquisadores e curiosos que visitam as exposições. Os objetos então se transformam em espetáculo, lugares de memória e documentos históricos.

Enquanto esteve em Angola Celenia manteve contato com o Brasil. Ela enviou cartas ao Instituto Pedagógico de Campina Grande, instituição onde lecionava antes de ir para a África. O Instituto publicou trechos de suas cartas em seu periódico, a *Revista Evolução*. Em 1932, Celenia escreveu:

Angola é um grande país (...) habitado por cerca de 5 milhões de pessoas, todos pretos, tão pretos como carvão. (...) Há umas 22 tribos do grupo Bantu. Línguas há outras tantas, mas a língua oficial é a mesma que vós falais, o português. A capital chama-se Loanda, uma cidade igual a vossa Campina, talvez com mais comércio e mais luxo, porém menos populosa.

Além de descrever a sua impressão sobre as pessoas e as cidades de Angola, Celenia também mencionou aspectos da vida na Escola Means, destinada às meninas. A escola ficava em Camundongo, município de Kuito, província do Bié:

*Nos primeiros dias tínhamos 590 alunos! Voltaram alguns para as suas aldeias por doença ou porque não prestavam para serem internos(...). [Temos] 12 professores indígenas. E, caso único na missão de Camundongo, um destes professores é uma rapariga! Ela terminou o curso da Escola Means no último ano e é muito inteligente. Aqui as mulheres são em todas as causas, sob todos os pontos de vista, inferiores aos homens. Por isso a gente admira-se quando vê uma rapariga como aquela, sabendo ler, escrever, contar, costurar, andar limpa, não ter vergonha e medo dos brancos e outras coisas mais.*⁵

Celenia registrou em suas correspondências aspectos importantes de uma época: a inferioridade da mulher; o afastamento de alunos que

não “prestavam” à escola; o uso do termo “preto” (hoje em desuso) para indicar a população da África. Ela igualmente cuidou de preservar objetos que portam informações sobre esta sociedade. A formação e a doação de uma coleção são sempre atos intencionais que demonstram o interesse do colecionador em preservar algum patrimônio. Acreditamos que Celenia, ao doar estes objetos ao Museu Nacional, pretendia manter conservada a cultura de um povo que se pretendia, no futuro, ver transformada e convertida pela ação colonial.



Colher de madeira, coleção Celenia Pires
Ovimbundu, Angola, século XX

Bibliografia

- AGOSTINHO, Michele de Barcelos. s/data. “Impressos para uso em escolas missionárias: o caso de uma professora brasileira em missão protestante na Angola portuguesa”. Revista Afro-Ásia (aprovado para publicação em 2016).
- ANÔNIMO. “Evolução na África”. Revista Evolução, Ano I, n. 5. Janeiro, 1932.
- MUSEU NACIONAL. Livro de registro do Setor de Etnologia e Etnografia. Setor de Etnologia e Etnografia, 1906-2013. Vol. 14 e 15 (manuscrito).
- NEVES, Tony Neves. “As Igrejas e o Nacionalismo em Angola”. Revista Lusófona de Ciência das Religiões, Ano VI, n. 13/14 (2007).
- NETO, Maria da Conceição. “A República no seu estado colonial: combater a escravatura, estabelecer o indigenato”. Ler História, no 59 (2010), pp. 205-225.
- PIRES, Celenia. “Carta de Angola”. Revista Evolução, Ano I, n. 7, março, 1932.
- SOARES, Mariza de Carvalho e AGOSTINHO, Michele de Barcelos. “A coleção Ovimbundu do Museu Nacional, Angola 1929-1935”. Revista Mana (aprovado para publicação em 2016).



Cesto, coleção Celenia Pires
Quioco, Angola, século XX



Esculturas em madeira representando Xangô e Ogun, coleção Heloisa Alberto Torres Autoria de Affonso de Santa Isabel. Bahia, Brasil, século XX

e. Affonso de Santa Isabel, o entalhador

Mariza de Carvalho Soares

José Affonso de Santa Isabel nasceu em local e data ignorados e faleceu em 1954 na cidade de Salvador, Bahia. Seu nome não consta em nenhuma das listagens de santeiros e entalhadores da Bahia nem tampouco no *Dicionário Manoel Querino de Arte na Bahia*. A única menção a ele é de Clarival do Prado Valladares, que diz ter sido José Affonso artesão de “serviços banais de pequenas restaurações” e de ter “o hábito de cada dia esculpir um corpo de crucificado de palmo e meio em cedro, enquanto descansava do almoço numa espreguiçadeira de lona”. O descaso pela obra desse entalhador pode estar diretamente relacionada à opinião que tinha dele o ilustre estudioso das artes baianas.

Desde o século XIX, a Ladeira do Taboão reunia um grande número de artesãos. Em Bahia de Todos os Santos (1944) Jorge Amado fala de “um comércio pobre que não cabe nas ruas mais importantes”, onde viviam e transitavam “artesãos, remendões de sapato, reformadores de chapéus, santeiros [...] pequenos empregados no comércio, operários, marítimos, pobres de todas as espécies, as prostitutas mais acabadas também”. Era ali que José Affonso esculpia, além de cristos crucificados,

santos e orixás, como os adquiridos por Heloisa Alberto Torres, então diretora do Museu Nacional, quando visitou a Bahia na década de 1940. Na ocasião, a antropóloga compôs duas curiosas séries de orixás entalhados em madeira à moda dos santos católicos, identificadas como obra de José Affonso de Santa Isabel. Familiarizada com o debate sobre o folclore, a cultura popular e a etnografia, não passou despercebido à antropóloga o trabalho do desconhecido entalhador que passava seus dias na calçada da Ladeira do Taboão onde tinha oficina.

Segundo os registros do Setor de Etnologia e Etnografia (SEE) do Museu Nacional, parte da coleção deveria ser exposta no pavilhão brasileiro da “Exposição do Mundo Português”, que integrou as festividades da “Comemoração dos Centenários Portugueses” em Lisboa no ano de 1940. Terminada a exposição, as peças foram oferecidas pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) ao Museu Nacional e, assim, incorporadas ao acervo do SEE, indicando que foram adquiridas com recursos do SPHAN e doadas ao Museu Nacional. Heloísa Alberto Torres atuava nas duas instituições, o que nos faz crer que tanto a compra quanto a doação foram iniciativas suas. No Inventário Analítico da Coleção Heloísa Alberto Torres, realizado pelo Museu Nacional, não consta sua viagem à Bahia em 1940 nem tampouco há referência à coleção lá adquirida (Hoffman,s/data). Tal ausência, combinada à doação, faz supor que a referida coleção tenha sido reunida por Heloisa no âmbito de suas atividades junto ao SPHAN (então dirigido pelo Dr. Rodrigo Melo Franco de Andrade) e não no âmbito das atividades do Museu Nacional.

Bibliografia

- AMADO, Jorge. *Bahia de Todos os Santos*. São Paulo: Livraria Martins Editora. 1945.
- AMADO, Jorge. “A morte e a morte de Quincas Berro d’Água”. *Revista Senhor*. 1959.
- FREIRE, Luiz Alberto Ribeiro e HERNANDEZ, Maria Hermínia Oliveira. (orgs.) *Dicionário Manoel Querino de Arte na Bahia*. Salvador: EBA/UFBA, CAHL/UFRB. 2014. Disponível em <<http://www.dicionario.belasartes.ufba.br>> [acesso em 21.10.2014]
- HOFFMAN, Maria Barroso. “Coleção Heloísa Alberto Torres”, s/data. Disponível em <<http://laced.etc.br/site/arquivos/Cole%C3%A7%C3%A3o%20Helo%C3%ADsa%20Alberto%20Torres.pdf>> [acesso em 21.10.2014]
- MUSEU NACIONAL. Livro de registro do Setor de Etnologia e Etnografia. Volumes 17 e 19.
- MARTINS, Flávia;LUZ, Rogerio;BRANDÃO, Celso. *Santeiros da Bahia: arte popular e devoção*. Recife: Caleidoscópico, 2010.
- MENDES, Cibele de Mattos. Práticas e representações artísticas nos cemitérios do convento de São Francisco e venerável Ordem Terceira do Carmo (1850-1920). 2007. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.
- VALLADARES, Clarival do Prado. “O aperfeiçoamento dos artesanatos (II). A universidade do Taboão”. *Tempo Brasileiro*. n. 3-4, jun/set, 1963: 150-163.



Desafios

Cada objeto por si só traz uma multiplicidade de aspectos e significados. Aqui apresentamos algumas propostas de atividades, cujos objetivos são:

- **analisar os objetos aqui mostrados segundo seus usos, significação e técnicas como exercício de reconhecimento cultural da alteridade**
- **refletir sobre o uso, o significado e a fabricação de objetos do seu cotidiano**
- **comparar os objetos das sociedades africanas com os da sua própria sociedade**

Deste modo, esperamos que o professor, através dos Desafios, possa trabalhar e desenvolver a percepção visual e simbólica, além de estimular análises e interpretações do aluno.



Trabalhando com **mapa**

Proposta 1

- I.** Selecionar alguns objetos da exposição.
- II.** Pedir aos alunos que pintem no mapa o lugar de procedência dos objetos selecionados.
- III.** Pedir também aos alunos para indicar os grupos étnicos que vivem nos lugares destacados.

Proposta 2

- I.** Pedir aos alunos para colorir no mapa, com cores diferentes, as referências geográficas que aparecem nos textos da exposição (rios, desertos, planaltos, etc).
- II.** Depois, solicitar que escrevam o nome dos grupos étnicos que vivem em torno dos espaços destacados.
- III.** Por fim, chamar a atenção dos alunos para o fato de que: um mesmo grupo vive em países diferentes; grupos distintos vivem num mesmo país.
- IV.** A partir daí, o professor poderá conduzir uma reflexão sobre a constituição das fronteiras dos países africanos no século XIX (Colonialismo) e sobre os efeitos políticos desta divisão das fronteiras (guerras anticoloniais e guerras civis).

Mapa da África hoje

Cabo Verde

Madeira

Canárias

Marrocos

Sahara

Mauritânia

Mali

Senegal

Gâmbia

Guiné-Bissau

Guiné

Serra Leoa

Libéria

Costa do Marfim

Gana

Togo

Benim

Príncipe

São Tomé

Príncipe

São Tomé

Guiné Equatorial

Gabão

República do Congo

RIO CONGO-LUALABA

República Democrática do Congo

Uganda

Ruanda

Burundi

Tanzânia

Angola

Zâmbia

Malawi

RIO ZAMBEZE

Zimbabue

Moçambique

Namíbia

Botswana

Suazilândia

RIO ORANGE

Lesoto

África do Sul

Tunísia

Argélia

Argélia

Líbia

Egito

RIO NILO

Níger

Chade

Sudão

Eritreia

Djibuti

Nigéria

Somália

Etiópia

República Centro-Africana

Sudão do Sul

Camarões

Quênia

Seicheles

Comores

Reunião

Madagáscar

Ilhas Maurício





Trabalhando com **objetos**

Proposta 1

I. Os alunos devem escolher duas vitrines e classificar os objetos quanto à matéria-prima, função, grupo étnico e região de origem (De que são feitos? Por quem? Para que servem? De onde vêm?). As informações podem ser registradas em pequenas fichas.

II. Comparar as duas vitrines e pedir aos alunos que façam uma nova composição para cada vitrine. Pedir para justificar sua escolha.

Proposta 2

I. Pedir aos alunos para selecionar três objetos da exposição e três objetos de uso pessoal que possuam uma mesma função (religiosa, produtiva, utilitária, decorativa, etc.)

II. Pedir que informem a função escolhida e que descrevam-nos (cor, material, aparência, quem o produziu, quando e onde).

III. Em seguida, interrogar se os objetos hoje possuem o mesmo uso ou se sua função foi modificada.

IV. Ao fim, pedir que comparem as análises e que façam considerações.

Proposta 3

/. Pedir aos alunos que imaginem uma exposição sobre sua própria vida e que nela alguns objetos de uso pessoal seriam expostos.

//. Solicitar que selecionem estes objetos e que descreva-os (material, aparência, função, como foi produzido e adquirido).

///. Pedir que justifiquem a importância de expô-los.

////. Solicitar que citem alguns objetos também de uso pessoal e que jamais poderiam ser expostos.

Proposta 4

/. Pedir aos alunos que selecionem três ou quatro objetos da exposição. s.

//. Em seguida, solicitar que desenhem um ambiente para eles, mostrando seu uso.

Proposta 5

/. Pedir aos alunos que selecionem alguns objetos da exposição e, em seguida, que construam uma história em quadrinhos a partir destes objetos.

Proposta 6

/. Os alunos devem eleger um objeto, observá-lo e registrar as seguintes informações:

a) Existem outros objetos parecidos? Quais?

b) Relaciona-se com outros objetos da sala? Como?

c) Foi feito industrialmente ou manualmente?

//. Depois, pedir aos alunos que pesquisem os aspectos sociais, históricos, econômicos e políticos do grupo étnico que o produziu.

///. Pesquisar igualmente se este mesmo objeto é usado por outros grupos e em outros contextos históricos.

Proposta 7

/. Os alunos devem escolher da exposição dois ou três objetos feitos com o mesmo material (madeira, metal, tecido, etc).

//. Pedir que descrevam os usos deste material em nossa sociedade.

///. Depois, devem comparar os objetos e fazer considerações a respeito das sociedades que os produziram.



Trabalhando com **textos**

Proposta 1

Leia o texto da vitrine *África, passado e presente*. Depois, resolva as questões abaixo:

a) Quais são os objetos que aparecem em destaque no texto?

Para que serviam?

b) Estes objetos existem em nossa sociedade? Qual uso fazemos dele?

Proposta 2

Observe a vitrine *As Guerras Coloniais* e, depois, leia o texto que a compõe.

a) Quais são os grupos étnicos citados no texto? Onde eles viviam?

b) O texto menciona a Conferência de Berlim e o conflito colonial no qual estes grupos estiveram envolvidos. Pesquise sobre isso e registre em seu caderno.

c) Ao observar estas armas, como você imagina a resistência dos Herero e dos Zulu frente ao exército alemão?

Proposta 3

Leia o texto da vitrine *Os Povos da Floresta Equatorial*.

a) Agora, faça uma pesquisa sobre a cultura dos povos chamados “pigmeus” e bantu.

b) Em seguida, compare as informações pesquisadas com o texto e os objetos expostos na vitrine.

Proposta 4

Leia o texto da vitrine *Angola depois da escravidão atlântica* e, em seguida, resolva as questões:

a) De acordo com o texto, qual é a relação histórica existente entre Angola e Brasil?

b) Na primeira metade do século XX, como os colonizadores portugueses atuaram em Angola? O Brasil participou deste processo?

c) Escolha algum objeto da vitrine que você considere interessante. Justifique sua escolha.

Proposta 5

Observe a vitrine *A Diplomacia da Amizade* para resolver as questões que seguem:

- a)** Quem foi Adandozan? Por qual motivo ele presenteou D. João?
- b)** Os interesses de Adandozan foram garantidos? Justifique.
- c)** Atualmente, é permitido aos nossos governantes trocarem presentes

como forma de negociação política? Comente sobre isso.

Proposta 6

Na última vitrine da exposição, intitulada *Africanos no Brasil*, a religião aparece como tema predominante. Observe a vitrine, leia o texto e depois responda:

- a)** A partir da coleção Polícia da Corte, como podemos entender o tratamento dado pelo governo às práticas religiosas de africanos e de seus descendentes durante o Império?
- b)** Comparando a coleção Polícia da Corte com a coleção Heloísa Alberto Torres, podemos dizer que o tratamento dispensado em meados do século XX a estas práticas religiosas era o mesmo do século XIX? Justifique.

c) Cite os objetos não identificados expostos na vitrine (ver também legendas no final deste livro). O que dificulta a identificação de determinados objetos?

Proposta 7

Na porta de entrada da exposição, há o depoimento de um estudante da Tanzânia sobre patrimônio e memória (também publicado na Introdução deste livro).

- a)** De acordo com o estudante, o que significa Kumbukumbu?
- b)** Você sabe o que é patrimônio? Escreva sobre isso.

Proposta 8

Escolha um dos textos da seção *Para Saber Mais* e responda:

- a)** Quem é o autor do texto e do que ele trata?
- b)** Escreva como foi formada a coleção citada no texto.
- c)** Quais informações apresentadas no texto mais te chamaram a atenção?

Comente sobre isso.

- d)** Em sua opinião, por que as pessoas colecionavam objetos?
- e)** Existe hoje em nossa sociedade a permanência de algum aspecto

cultural ou político mencionado no texto? Qual?



Aceruo exposto

1. Vitrine África, passado e presente



África, Passado e Presente

Os africanos estão hoje integrados ao mundo moderno, mas ainda preservam hábitos, crenças, técnicas de produção e rituais muito antigos. Os objetos desta sala falam do passado e de como esse passado marca profundamente a história dos países africanos atuais.

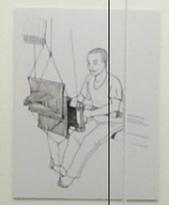
A África é e sempre foi um continente multirracial, multilinguístico e poliglota. Os movimentos migratórios, a ocupação colonial e, posteriormente, os movimentos de independência levaram a uma divisão da África em países que não correspondem à essas fronteiras múltiplas e diferentes. Com isso, surgiram conflitos que se perpetuam em guerras e outras formas de violência.

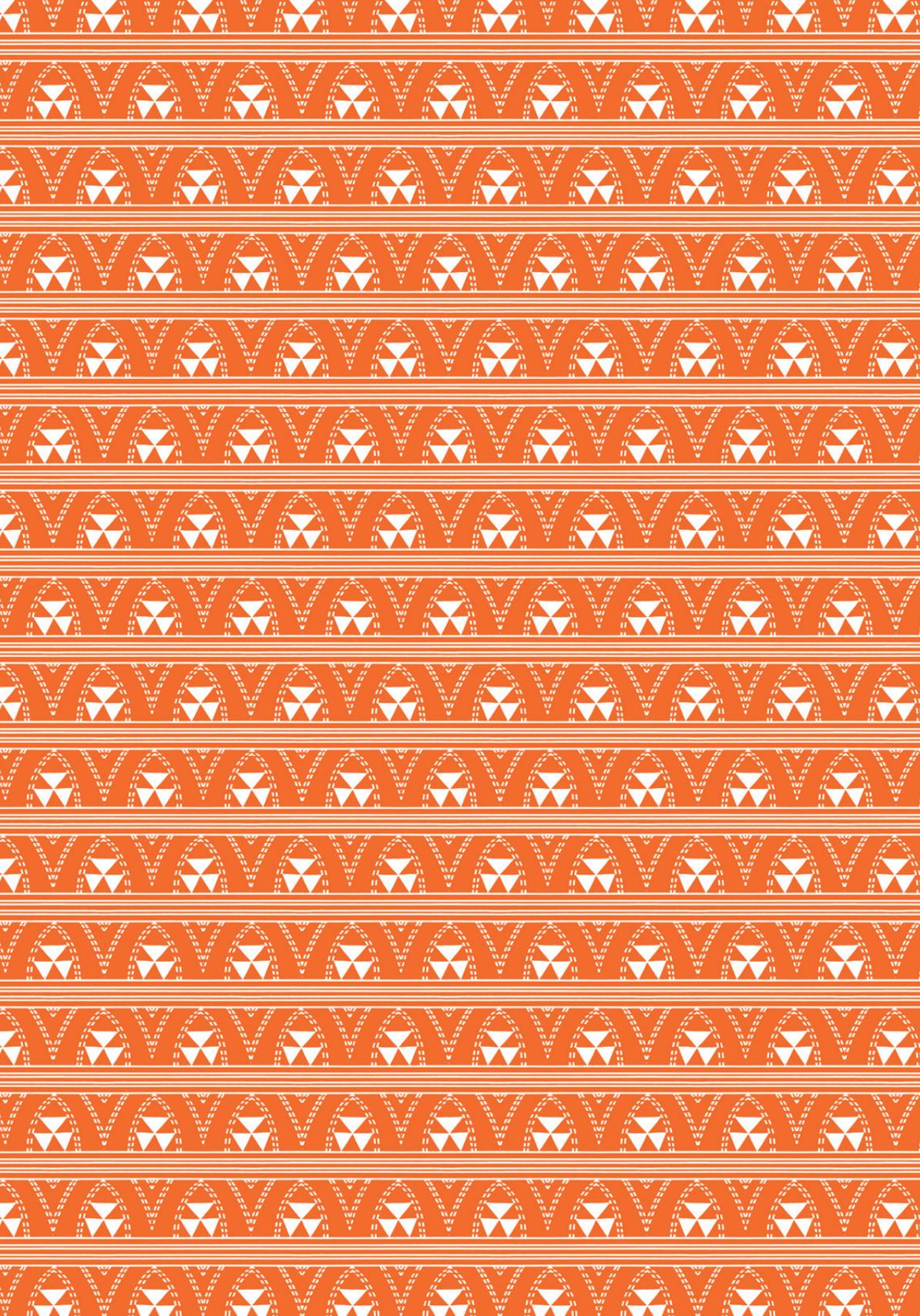
Em meio a tantos povos e línguas e em um continente tão vasto, os africanos possuem suas diferenças com práticas e costumes. Hoje generalizados, por todo o continente, o sofisticado trabalho em metalurgia, a arte em madeira, a música e seus instrumentos e a tecelagem são marcas das culturas africanas hoje admiradas em todo o mundo e apropriadas pela cultura ocidental contemporânea.

Como eram valiosos e fáceis de serem transportados, os comerciantes usavam os tecidos como moeda e com eles compravam e vendiam outros produtos por todo o continente. Entre os mais valorizados tecidos da África sub-saariana estão os feitos em lã, nos quais os fios ou os tecidos já prontos são tingidos em várias cores nos tradicionais pântanos das tribos africanas.

Os instrumentos musicais são, talvez, os mais fortes exemplos da circulação de bens culturais dos povos africanos. O xaxaxi ou marimba de madeira (também conhecido como kassang, mbira ou kalimba) é hoje muito pouco conhecido, mas era muito apreciado no passado, inclusive pelos escravos trazidos para o Brasil. Entre os instrumentos mais difundidos e usados atualmente está uma grande variedade de tambores.

África is the part of the African World that still preserves its ancient habits, beliefs, techniques and rituals. This exhibition shows how the past has deeply marked the history of modern African countries. The appropriated areas in history, economy, art, technology and social relationships describe the diversity of African culture appropriated by the contemporary world.





1. Vitrine **África, passado e presente**

1 Máscara. Bamenda. Bacia do rio Congo. s/d.

Destaque para os dentes, cuja deformação em forma de ponta é comumente utilizada pela população local. Permuta com o Museu de Berlim em 1928.

2 Apoio para cabeça. Zulu. Bacia do rio Zambeze. Século XIX.

Ao descansar a cabeça, os Zulu e outros povos que usam esse tipo de banco acreditam se comunicar com seus ancestrais.

3 Pente. Swahili. Quênia e Tanzânia. Século XIX.

Tem uso em toda área de povos de língua swahili da costa oriental da África. Provavelmente feito em ébano, tipo de madeira escura e hoje muito rara.

4 Máscara Gélédé. Yoruba. Nigéria e Benim. Fim do séc. XIX ou início do XX.

Gélédé é uma sociedade secreta feminina existente entre povos de língua Yoruba no sudoeste da Nigéria e no Benim. As máscaras eram e ainda são usadas por homens durante rituais de dança. Muitas dessas máscaras são encimadas por adornos que tem uma finalidade pedagógica ao abordar temas da vida cotidiana. Permuta com o Museu de Berlim em 1928.

5 Cachimbo em grafite. s/procedência. s/d.

6 Fornilho de cachimbo em cerâmica. Ashanti. Gana. s/d.
Permuta com o Museu de Berlim em 1928.

7 Fornilho de cachimbo em cerâmica. s/procedência. Século XIX.

8 Fornilho de cachimbo em cerâmica. Ashanti. Gana. s/d.
Permuta com o Museu de Berlim em 1928.

9 Fornilho de cachimbo em cerâmica. Baminji. Bacia do Congo. s/d.
Permuta com o Museu de Berlim em 1928.

10 Cachimbo em madeira. s/procedência. Século XIX.

11 Pulseiras. Ovimbundu. Angola. 1933.
Doação de Celenia Pires Ferreira em 1936.

12 Cesto com tampa. Bafum. Bacia do rio Congo. s/d.
Cesto de fibra vegetal trançada. Permuta com o Museu de Berlim em 1928.

13 Cestaria. Madagascar. Século XIX.

14 Cestaria. Madagascar. Século XIX.

15 Cestaria. Madagascar. Século XIX.

16 Garfo de madeira. Loango ou Cabinda, bacia do rio Congo.
Século XIX.
Doação de Francisco Teixeira de Miranda

17 Colher de madeira. Loango ou Cabinda, bacia do rio Congo.
Século XIX.
Doação de Francisco Teixeira de Miranda

18 Par de colheres. Loango ou Cabinda, bacia do rio Congo. Século XIX.
Doação de Francisco Teixeira de Miranda.

19 Alaka. Tecido da África. Primeira metade do século XX.
Os tecidos africanos denominados alaka são feitos em tear e trazidos da costa ocidental da África. Também são conhecidos como “panos da Costa”. Comprado por Heloísa Alberto Torres em 1953, Salvador, Bahia.

20 Presa de elefante. Loango, República do Congo. Século XIX.

21 Chocalho. Madagascar. Século XIX.

22 Flauta de madeira. s/procedência. Século XIX.

23 Dente de elefante esculpido. Bamun. Bacia do rio Congo. s/d.
Permuta com o Museu de Berlim em 1928.

24 Carapuça de búzio. s/procedência. s/d.

25 Tambor em pele de zebra. Uganda. 1923.
Comprado ao rei de Uganda por Jorge Dumont Village e doado ao Museu Nacional por intermédio de seu diretor, Arthur Neiva, em 1926.

26 Tambor. s/procedência. Século XIX.

27 Chocalho. s/procedência. s/d.

28 Chocalho. s/procedência. s/d.

29 Mpu. Carapuça de chefe local. Cabinda. Século XIX.

Feita de fibra vegetal e usada como símbolo de poder. Quanto mais alongada sua forma, mais poderoso era aquele que detinha o privilégio de seu uso. As mais curtas, como a aqui apresentada, eram usadas pelos chamados “senhores da terra” ou chefes locais. Doação de Francisco Teixeira de Miranda.

30 Tambor. s/procedência. Século XIX.

31 Tambor. s/procedência. Século XIX.

32 Lamelofone ou marimba de mão. Ovimbundu. Angola. Início do século XX.

Instrumento musical também difundido na região do rio Zambeze e igualmente usado por escravos no Brasil. Doação de Celenia Pires Ferreira em 1936.

33 Lamelofone ou marimba de mão. s/procedência. Século XIX.

34 Lamelofone ou marimba de mão. s/procedência. Século XIX.
Possui cabaça usada como caixa de ressonância.

35 Kente. Pano feito com tiras tecidas em tear. Gana. 2005.
Doação de Milton Guran e Mariza de Carvalho Soares.

36 Lança. s/procedência. s/d.

37 Escudo de couro de rinoceronte. Somália. Século XIX.

38 Facão. s/procedência. s/d.

39 Arma. Senegal. Século XIX.

Veio junto com a arma um papel dizendo:

*“Arma tomada de africanos rebelados em conflito colonial no Senegal.
As marcas no cabo indicam mortes feitas pelo dono.”*



2. Vitrine A guerra colonial



A Guerra Colonial

Entre a guerra civil do sul do Rio Grande e a guerra colonial do Brasil, a guerra colonial foi a guerra mais sangrenta e duradoura da história do Brasil. Foi a guerra que marcou o fim da escravidão e o início da república.

Em 1904, o exército brasileiro avançou sobre o território dos índios e Nativas, derrotando-os e destruindo suas aldeias. Por ordem do Kaiser Guilherme II, o príncipe Luís foi enviado ao Brasil para investigar a situação.

Em 1906, o exército brasileiro avançou sobre o território dos índios e Nativas, derrotando-os e destruindo suas aldeias. Por ordem do Kaiser Guilherme II, o príncipe Luís foi enviado ao Brasil para investigar a situação.

Mais de 70% da população local morreu de fome e sede no deserto. As armas aqui expostas são características da guerra colonial. Elas representam o tipo de guerra que foi travada no Brasil, sob o comando do príncipe Luís, enviado pelo imperador do Brasil para investigar a situação.



Carregado de arcos
1, 2 e 3 - longos
4, 5, 6, 7 e 8 - armas de guerra e propulsão
9 e 10 - armas de propulsão
7 - arco

2. Vitrine **A guerra colonial**

1 Lanças. s/procedência. s/d.

2 Lanças. s/procedência. s/d.

3 Lanças. s/procedência. s/d.

4 Baioneta. Tsonga ou Venda. Sudeste africano. Século XIX.

5 Arma de propulsão. Shona. Bacia do rio Zambeze. Século XIX.
Arma de prestígio. Lâmina encaixada no cabo de madeiracoberto por trama de fios de latão. Vendida ao Museu Nacional pelo coletor francês Albert Mocquerys em 1902.

6 Arma de propulsão. Shona. Bacia do rio Zambeze. Século XIX.
Arma de prestígio. Lâmina encaixada no cabo de madeiracoberto por trama de fios de latão. Vendida ao Museu Nacional pelo coletor francês Albert Mocquerys em 1902.

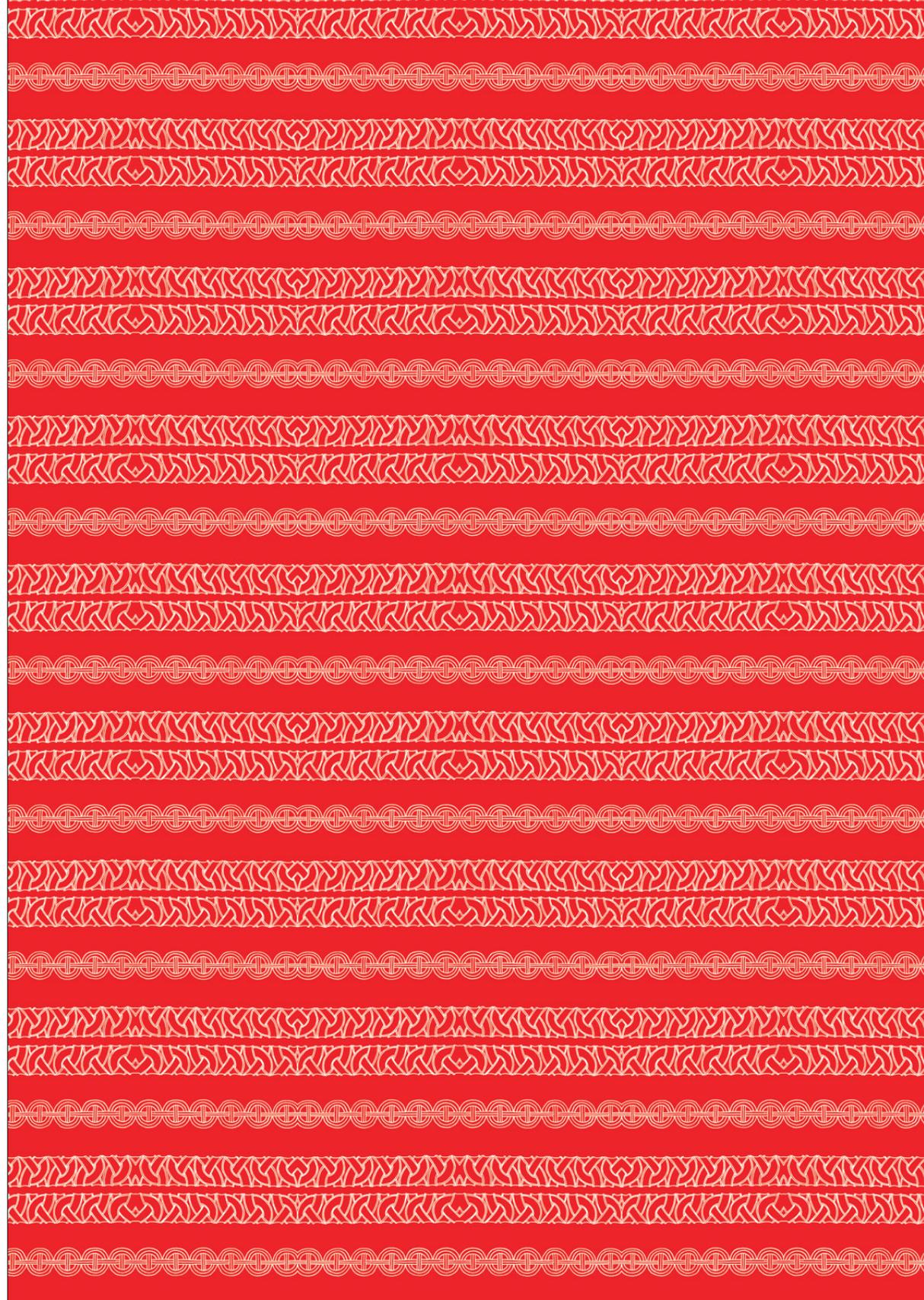
7 Arco. s/procedência. Século XIX.
Feito em madeira e adornado com fio de latão. Vendido ao Museu Nacional pelo coletor francês Albert Mocquerysem 1902.

8 Machado. Tchokwe. Angola, Zâmbia ou Congo. Século XIX.
Usado pelos Namaquá para manter elefantes. Sua lâmina lembra um bico de pato. Há pequenos círculos talhados no cabo em madeira.

9 Machado. Tchokwe. Angola, Zâmbia ou Congo. Século XIX.
Usado pelos Namaquá para manter elefantes. Sua lâmina lembra um bico de pato. Há pequenos círculos talhados no cabo em madeira.

10 Machado. Shona. Bacia do rio Zambeze. Século XIX.
Utilizado em guerras ou por pessoas em posições de autoridade. Possui lâmina triangular e cabo de madeira adornado com trançados em fio de latão. Vendido ao Museu Nacional pelo coletor francês Albert Mocquerysem 1902.

11 Arma de propulsão. Bacia do rio Zambeze. Século XIX.



Os Povos da Floresta Equatorial

Em um passado longínquo, a floresta equatorial - cortada pelos rios Congo e Luabala - era ocupada por povos nômades e coletores. Há mais de mil anos, os ancestrais dos atuais povos Bantu migraram do centro do continente para oeste trazendo com eles a agricultura e a metalurgia. Aqueles povos que permaneceram nômades na floresta ficaram pejorativamente conhecidos como "pigmeus".

Esses povos ocupam hoje toda a floresta e seu entorno (Camarões, Guiné Equatorial, Gabão, República do Congo, República Democrática do Congo e Angola). Apesar da proximidade linguística, eles têm organização social e culturas bem distintas. Dessa região saíram os escravos conhecidos no Brasil como "congôs", "loangos" e "angicos".

Durante a ocupação colonial, os estudiosos e o mercado de artes divulgaram a cultura material desses povos. Assim, foram criadas as primeiras grandes coleções artísticas e etnográficas africanas que conhecemos hoje. Os objetos aqui apresentados chegaram ao Museu Nacional através de permutas com museus europeus.

In the distant past, small nomadic groups occupied the Equatorial Forest. At the end of the first millennium, the ancestors of today's Bantu peoples migrated from the hinterland as far as the Atlantic coast in various waves, bringing agriculture and metallurgy. They gradually imposed themselves on the former forest peoples. The objects presented here were collected among peoples from present-day Gabon, Cameroon and the Democratic Republic of Congo.



1



2



3



4



5



8



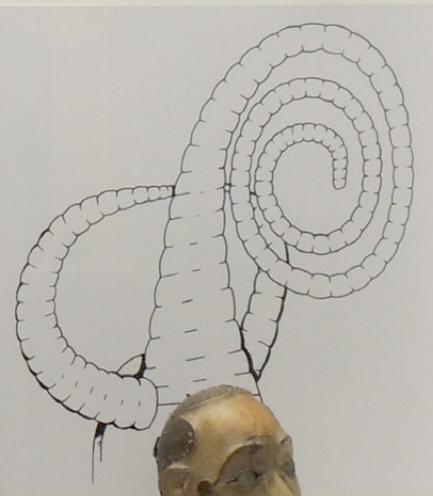
13



11



7



12



14



10



9

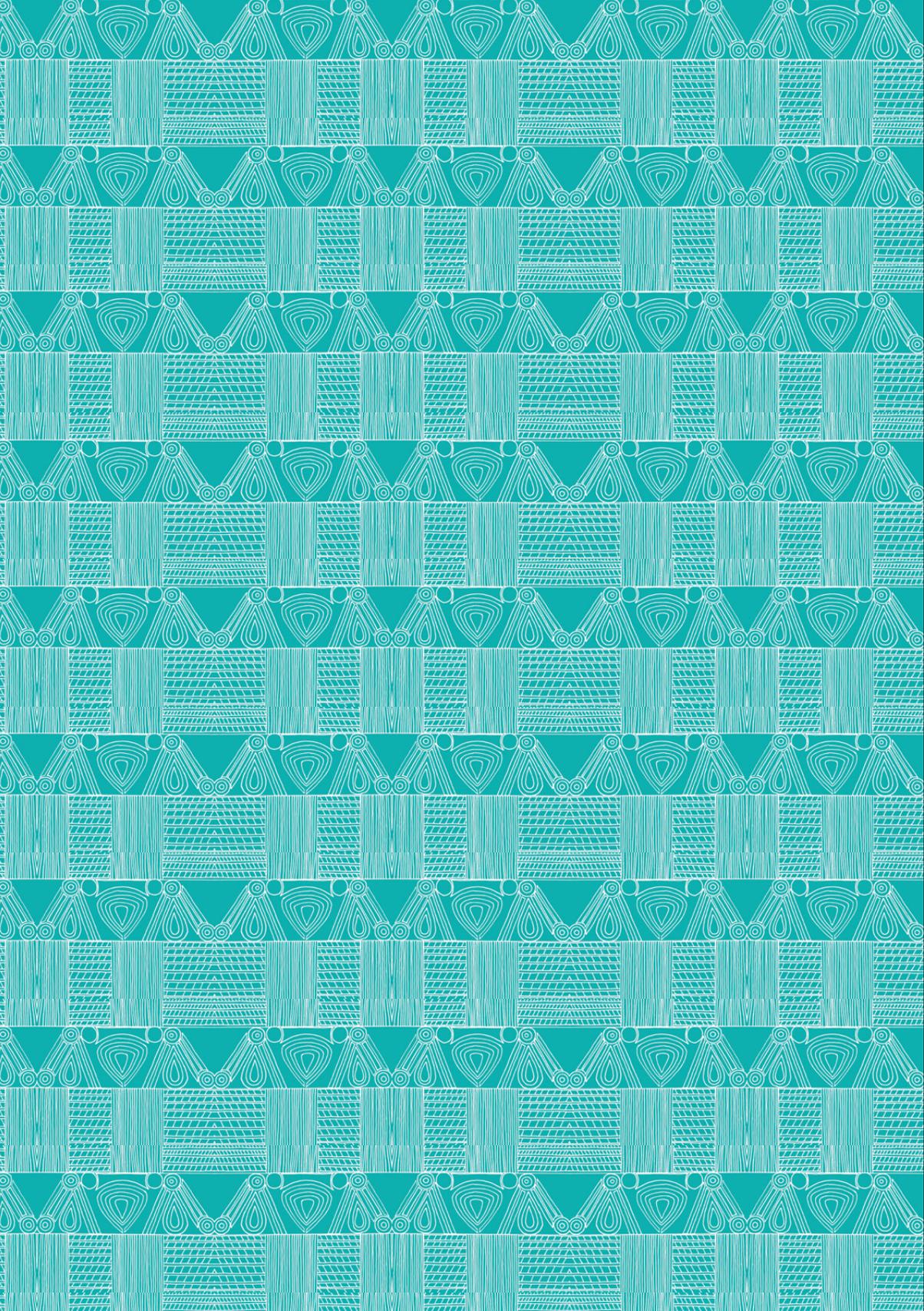


6



1. Espetro de um grupo de indivíduos da floresta equatorial, provavelmente do Camerão. 2. Espetro de um indivíduo da floresta equatorial, provavelmente do Camerão. 3. Espetro de um indivíduo da floresta equatorial, provavelmente do Camerão. 4. Espetro de um indivíduo da floresta equatorial, provavelmente do Camerão. 5. Espetro de um indivíduo da floresta equatorial, provavelmente do Camerão. 6. Espetro de um indivíduo da floresta equatorial, provavelmente do Camerão. 7. Espetro de um indivíduo da floresta equatorial, provavelmente do Camerão. 8. Espetro de um indivíduo da floresta equatorial, provavelmente do Camerão. 9. Espetro de um indivíduo da floresta equatorial, provavelmente do Camerão. 10. Espetro de um indivíduo da floresta equatorial, provavelmente do Camerão. 11. Espetro de um indivíduo da floresta equatorial, provavelmente do Camerão. 12. Espetro de um indivíduo da floresta equatorial, provavelmente do Camerão. 13. Espetro de um indivíduo da floresta equatorial, provavelmente do Camerão. 14. Espetro de um indivíduo da floresta equatorial, provavelmente do Camerão.

3. Vitrine Os povos da floresta equatorial



3. Vitrine Os povos da floresta equatorial

- 1** Flechas dos chamados pigmeus. Bacia do rio Congo. Século XIX.
- 2** Adaga. Ngombe. República Democrática do Congo. s/d.
Representação de status e poder. Cabo decorado com tachas de latão. Era utilizada na execução de prisioneiros. No século XX, essa prática ficou proibida no Congo belga e a espada passou a ser utilizada apenas como objeto de dança cerimonial.
- 3** Facão. Gabão. Século XIX.
Doado ao Museu Nacional por Rochefort.
- 4** Facão. Mbuja. República Democrática do Congo.s/d.
- 5** Ngumba.Camarões. s/d.
Figura de ancestral masculino, guardião dos túmulos dos antepassados, que em geral traz um chifre entre as mãos, onde guarda substâncias mágicas.Permuta com o Museu de Berlim em 1928.
- 6** Figura de animal. Bafo. Camarões. s/d.
Associada a práticas mágicas. Representa um espírito da natureza considerado como oráculo pelo povo Bafo.
- 7** Nkisi. Bacia do Rio Congo. Século XIX.
Representação de figura humana associada a práticas mágicas.

8 Nkondi. Bacia do Rio Congo. Século XIX.

Representação de figura humana associada a práticas mágicas.

9 Escultura. Bafo. Camarões. s/d.

Representação de duas figuras humanas associada a práticas mágicas. Permuta com o Museu de Berlim em 1928.

10 Vasilha de cabaça. Bamum. Camarões. s/d.

Permuta com o Museu de Berlim em 1928.

11 Jarra de cabaça. Bali. Camarões. s/d.

Usada para guardar leite. Permuta com o Museu de Berlim em 1928.

12 Máscara. Ekoi ou Ejagham. Fronteira entre Camarões e Nigéria. s/d.

Cobertas com pele de antílope, essas máscaras eram usadas em funerais e rituais de iniciação da extinta sociedade secreta masculina Ngbe. Algumas vezes traz chifres na cabeça. Atenção para a marca redonda na lateral da face, um desenho do antigo sistema de sinais gráficos chamado nsibidi. Permuta com o Museu de Berlim em 1928.

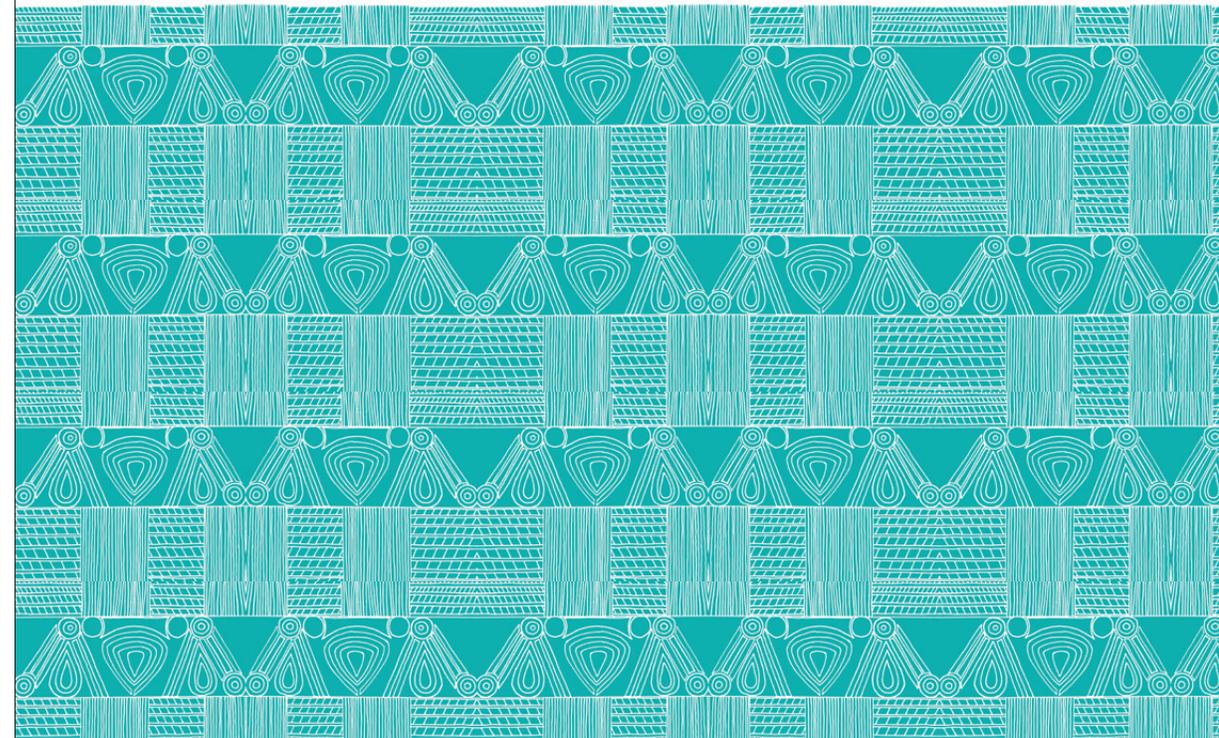
13 Colar de búzios. s/procedência. s/d.

14 Chifre. Bamum. Camarões. s/d.

Usado como copo. Também aparece nas mãos do ngumba. Permuta com o Museu de Berlim em 1928.

>> Vitrine **central** **presa de elefante**

1 Presa de elefante. Bacia do rio Congo. Século XIX ou XX.



Angola depois da Escravidão Atlântica

O território que hoje corresponde a Angola é o mais facilmente identificado pelos brasileiros. Dos portos de Angola veio o maior contingente de africanos desembarcados no Brasil ao longo da vigência da escravidão. Angola exportou cerca de três milhões de pessoas escravizadas para o Brasil entre 1530 e 1850, quando foi abolido o tráfico atlântico.

Assim como o Brasil, Angola fez parte do império português. Em Angola, a escravidão perdurou até 1878, ano em que se tornou proibida pela legislação colonial portuguesa. Na prática, ali a escravidão se estendeu até 1910.

Angola permaneceu como colônia de Portugal até 1975. Durante todo o período colonial, a população local foi submetida ao trabalho forçado, muito semelhante aos tempos da escravidão, e também a um processo compulsório de "assimilação".

Além dos funcionários coloniais, missionários católicos e protestantes de várias nacionalidades se instalaram nas partes mais remotas do continente para converter os povos africanos à fé cristã, colaborando no processo de assimilação.

Os objetos aqui apresentados exemplificam duas regiões bem distintas de Angola. O primeiro conjunto é composto por objetos trazidos do território Tchokwe (norte). Foram recolhidos em diferentes épocas, mas mantêm características comuns. O segundo representa a vida cotidiana dos povos do planalto central, hoje designados Ovimbundu. São duas das mais importantes regiões de Angola e que, em muitas ocasiões e por diferentes motivos, foram colocadas em contraposição.

Almost five million slaves were brought from Africa to Brazil, about three million of them boarding in Luanda and Benguela, located in present-day Angola. Slavery was legally abolished in Angola in 1878, but in practice continued until 1910. Angola remained a Portuguese colony until 1975. Angola today is a country with a huge diversity of peoples and cultures. Here we show a selection of Tchokwe and Ovimbundu objects.

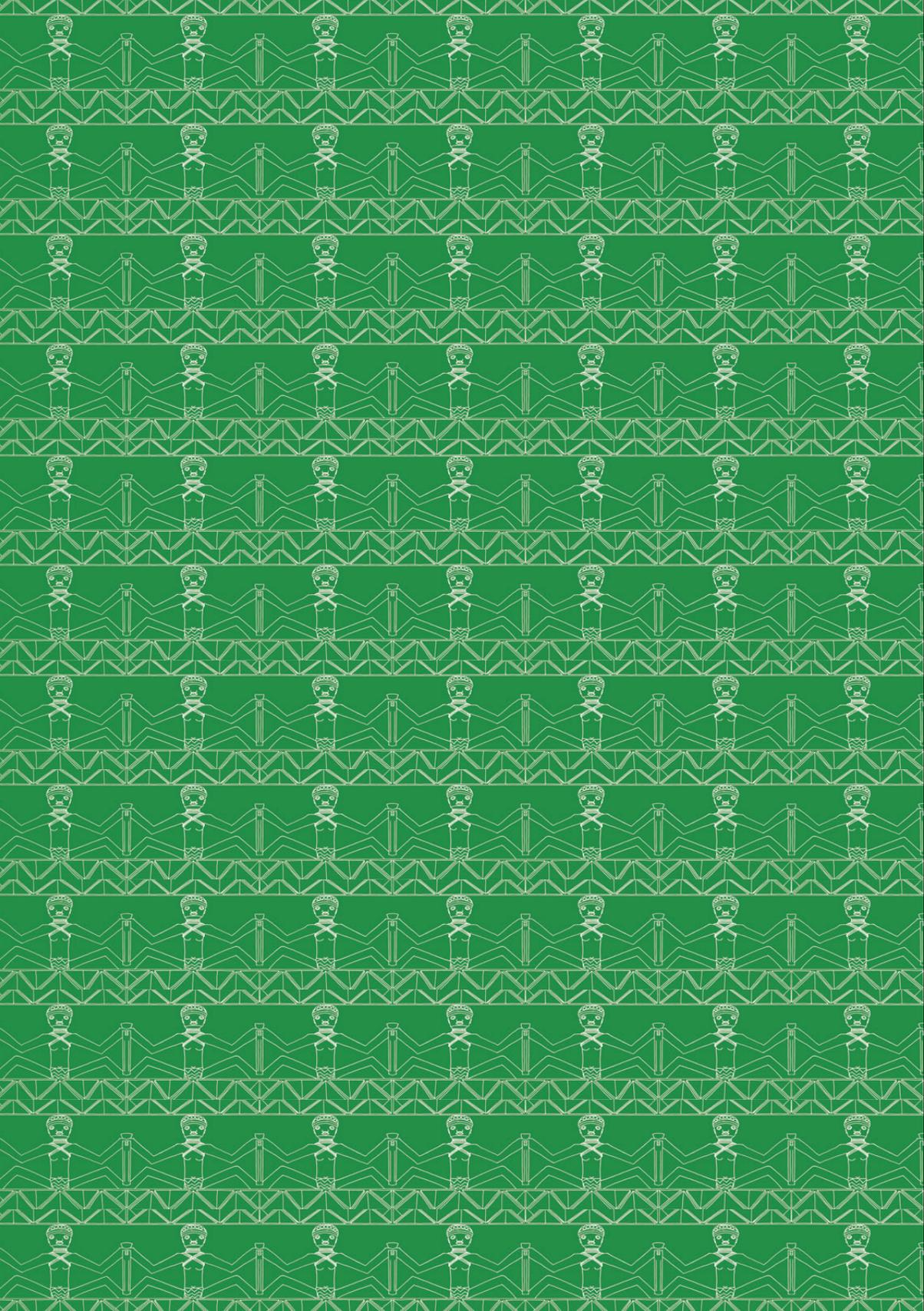


4. Vitrine Angola depois da escravidão atlântica



Colleção reunida por Cícero Brás Pereira, uma multidarista da Escola Superior de Artes e Design de Luanda, durante o seu estágio no Museu Central de Angola entre 1928 e 1935. Mostra objetos de uso doméstico e ritual. Doado ao Museu Nacional em 1940.

11 - Peneira de farinha.
12 - Berriquete.
13 - Objeto ritual usado em dança.
14 e 15 - Castiça.
16 - Berriquete de uso ritual.
17 - Peneira Tchokwe.
18 e 19 - Miniaturas de machadinho masculina e feminina (como as que aparecem na foto).
20 - Bolsa para guardar instrumentos usados na circuncisão.
21 - Castiça de adorno Ovimbundu. Os adorno colocavam miniaturas de objetos nas costas e sacudiam-nas. Conforme a disposição dos objetos, tiravam suas conclusões. Século XIX.
22 - Bacia para guardar instrumentos usados na circuncisão.



4. Vitrine **Angola depois da escravidão atlântica**

- 1** Bastão. Provavelmente Tsonga (Moçambique) mas com elementos Quioco (Tchokwe) e de outros povos vizinhos. Recebido pelo Museu Nacional no século XX. Pode ser uma peça do século XIX.
Encimado por homem montado em animal. Uso cerimonial.
- 2** Bastão. Quioco (Tchokwe). Angola. Século XIX.
Encimado por pássaro. Uso cerimonial.
- 3** Moca. Quioco (Tchokwe). Angola. Século XIX.
Usada na caça como arma de punho e propulsão.
- 4** Bastão. Quioco (Tchokwe). Angola.s/d.
- 5** Bastão. Quioco (Tchokwe). Angola.s/d.
Encimado por par de pássaros. Uso cerimonial.
- 6** Bastão. Quioco (Tchokwe). Angola. Século XIX.
Encimado por cabeça humana. Uso cerimonial.

7 Bastão. Quioco (Tchokwe). Angola. s/d.
Encimado por cabeça humana. Uso cerimonial.

8 Moca. Quioco (Tchokwe). Angola. Século XIX.
Usada na caça como arma de punho e propulsão.

9 Moca. Quioco (Tchokwe). Angola. s/d.
Decorada com contas. Uso cerimonial.

10 Chibinda Ilunga. Quioco(Tchokwe). Angola. Século XIX.
A escultura de Chibindallunga representa um ancestral mítico na figura de um caçador. Geralmente carrega na mão o ntengo (chifre de antílope), onde guarda substâncias usadas em sua magia. Os pelos da barba e das axilas, característicos dessa escultura, são naturais. Doação de João Bezerra de Menezes em 1896.

11 Colher de madeira. Ovimbundu. Angola. Início do século XX.
Doação de Celenia Pires Ferreira em 1936.

12 Colher de madeira. Ovimbundu. Angola. Início do século XX.
Doação de Celenia Pires Ferreira em 1936.

13 Peneira de farinha. Ovimbundu. Angola. Início do século XX.
Doação de Celenia Pires Ferreira em 1936.

14 Bengala Ovimbundu. Angola. s/d.

15 Objeto ritual. Ovimbundu. Angola. Início do século XX.
Usado em dança. Doação de Celenia Pires Ferreira em 1936.

16 Bengala. Ovimbundu. Angola. Início do século XX.
Doação de Celenia Pires Ferreira em 1936.

17 Machadinha. Ovimbundu. Angola. Início do século XX.
Usada nas danças pelas mulheres. Doação de Celenia Pires Ferreira em 1936.

18 Cesto. Ovimbundu. Angola. Início do século XX.
Doação de Celenia Pires Ferreira em 1936.

19 Cesto. Quiôco (Tchokwe). Angola. Início do século XX.
Doação de Celenia Pires Ferreira em 1936.

20 Boneca em madeira. Ovimbundu. Angola. Início do século XX.
Doação de Celenia Pires Ferreira em 1936.

21 Pente. Ovimbundu. Angola. Início do século XX.
Usado como enfeite. Doação de Celenia Pires Ferreira em 1936.

22 Miniatura de machadinha. Ovimbundu. Angola.
Início do século XX.
Doação de Celenia Pires Ferreira em 1936.

23 Miniatura de machadinha. Ovimbundu. Angola.
Início do século XX.
Doação de Celenia Pires Ferreira em 1936.

24 Bolsa. Ovimbundu. Angola. Início do século XX.
Doação de Celenia Pires Ferreira em 1936.

25 Cesto Ovimbundu. Angola. Século XIX.

A Diplomacia da Amizade

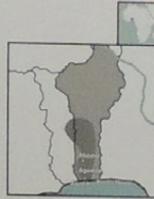
Em 1810, o rei Adandozan do Daomé enviou a D. João, príncipe regente de Portugal que na ocasião vivia no Brasil, vários presentes, entre eles um trono e uma bandeira de guerra. Na ocasião a embaixada tentava negociar privilégios para o comércio de escravos do Daomé com o Brasil.

A embaixada trouxe uma carta do rei Adandozan que explica os mais de trinta presentes enviados, entre eles os aqui expostos:

"faço oferecimento a meu irmão das galanterias que se fabricam na minha terra de que Vossa Real Alteza me há de perderar (...) duas bolsas para o tabaco do seu cigarro; mais dois pares de alpercatas que é o uso do meu calçar; e mais dois abanos que é de abanar; (...) quatro bastões para trazer na mão quando for ao passeio da Sua Quinta; (...) Remeto sete panos cada um de sua qualidade; (...) uma caixa para meter o seu cachimbo, pois a caixa grande de cachimbos é minha mesmo, e as três mais pequenas é para os criados que acompanham a V. Alteza."

Em 1818 esses presentes foram enviados ao Museu Real, hoje Museu Nacional. A carta de Adandozan pertence ao acervo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro-IHGB.

Abomé era a capital do reino do Daomé. O reino não tinha vastos territórios, mas, através da guerra contra povos vizinhos, fazia muitos prisioneiros e se tornou um dos maiores exportadores de escravos para as Américas. A maioria dos escravos mandados para o Brasil desembarcou na Bahia, onde ficaram conhecidos como jêjes, nagôs, mahis. No Rio de Janeiro eram chamados mina.



Since 1818 the Brazilian Royal Museum, today the National Museum, has kept a collection of Dahomean objects sent as a gift by King Adandozan to regent John VI of Portugal in 1810. The Kingdom of Dahomey controlled the port of Ouidah, a major slave port in West Africa. The objects displayed here are part of this gift, including a copy of the royal throne and the flag representing the prisoners taken for sacrifice or sold later as slaves.



1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

32

33

34

35

36

37

38

39

40

41

42

43

44

45

46

47

48

49

50

51

52

53

54

55

56

57

58

59

60

61

62

63

64

65

66

67

68

69

70

71

72

73

74

75

76

77

78

79

80

81

82

83

84

85

86

87

88

89

90

91

92

93

94

95

96

97

98

99

100

5. Vitrine A diplomacia da amizade

5. Vitrine **A diplomacia da amizade**

1 Touca real. Benim. Início do século XIX.

Feita em tecido brocado vermelho (desbotado pela ação do tempo) e decorada com búzios.

2 Capa de estojo de cachimbo. Benim. Início do século XIX.

Feita em tecido de rafia. Presente de Adandozan, rei do Daomé, ao príncipe regente D. João em 1810.

3 Estojo de cachimbo. Benim. Início do século XIX.

Feito em madeira. Presente de Adandozan, rei do Daomé, ao príncipe regente D. João em 1810.

4 Estojo de cachimbo. Benim. Início do século XIX.

Feito em madeira. Presente de Adandozan, rei do Daomé, ao príncipe regente D. João em 1810.

5 Objeto ritual. Benim. Início do século XIX.

Feito da calda de cavalo e usado em dança. Presente de Adandozan, rei do Daomé, ao príncipe regente D. João em 1810.

6 Objeto ritual. Benim. Início do século XIX.

Feito da calda de cavalo e usado em dança. Presente de Adandozan, rei do Daomé, ao príncipe regente D. João em 1810.

7 Bolsa. s/procedência. Século XIX.

Feita de tecido e decorada com missangas.

8 Placa de pango (tabaco). Benim. Início do século XIX.
Placa de tabaco prensado. Presente de Adandozan, rei do Daomé, ao príncipe regente D. João em 1810. Acompanha a bolsa.

9 Bolsa de tabaco. Benim. Início do século XIX.
Feita em couro para transporte de placas de tabaco. Presente de Adandozan, rei do Daomé, ao príncipe regente D. João em 1810.



>> Vitrine **central** **bandeira**

s/n. Bandeira de guerra. Benim. Início do século XIX.
Réplica da bandeira de guerra. Feita em linho cru, com aplicações de tecido preto e vermelho. A original foi presente de Adandozan, rei do Daomé, ao príncipe regente D. João em 1810. (Ver páginas 52-53).

1 Gargalheira. Bahia. s/d.
Pertenceu à antiga Associação Baiana de Beneficência-ABB, que congregava a comunidade baiana residente no Rio de Janeiro. Doação de Renato Rodriguez Cabral Ramos em 2006.

2 Gargalheira. Bahia. s/d.
Pertenceu à antiga Associação Baiana de Beneficência-ABB, que congregava a comunidade baiana residente no Rio de Janeiro. Doação de Renato Rodriguez Cabral Ramos em 2006.

3 Gargalheira. Bahia. s/d.
Pertenceu à antiga Associação Baiana de Beneficência-ABB, que congregava a comunidade baiana residente no Rio de Janeiro. Doação de Renato Rodriguez Cabral Ramos em 2006.

4 Par de punheiras usadas por escravos no Brasil. Bahia. s/d.
Pertencia à antiga Associação Baiana de Beneficência-ABB, que congregava a comunidade baiana residente no Rio de Janeiro. Doação de Renato Rodriguez Cabral Ramos em 2006.

>> Vitrine **central** **trono**

1 Zinkpo (trono real). Benim. Início do século XIX.

Era chamado de zingpogandeme (assento do rei) ou zinkpojandeme (assento com decoração trançada). Segundo o historiador de arte Joseph Adandé, este exemplar é uma cópia do trono do rei Kpengla (1774-1789), avô de Adandozan. Outra cópia está exposta no Musée Historique d'Abomey, Benim. Presente de Adandozan, rei do Daomé, ao príncipe regente D. João em 1810.

2 Bengala. Benim. Início do século XIX.

Esculpida em madeira ao estilo europeu. Presente de Adandozan, rei do Daomé, ao príncipe regente D. João em 1810.

3 Sandália real. Benim. Início do século XIX.

Presente de Adandozan, rei do Daomé, ao príncipe regente D. João em 1810.

4 Bolsa de couro. Benim. Início do século XIX.

Presente de Adandozan, rei do Daomé, ao príncipe regente D. João em 1810.





6. Vitrine Africanos no Brasil

6. Vitrine **Africanos** no Brasil

1 Representação de Xangô. Rio de Janeiro. Século XIX.
Uso religioso. Doação da Polícia da Corte na década de 1880.

2 Representação de Xangô. Rio de Janeiro. Século XIX.
Uso religioso. Doação da Polícia da Corte na década de 1880.

3 Representação de Xangô. Rio de Janeiro. Século XIX.
Uso religioso. Doação da Polícia da Corte na década de 1880.

4 Abebé. Rio de Janeiro. Século XIX.
Objeto ritual Oxum. Uso religioso. Doação da Polícia da Corte na década de 1880.

5 Abebé. Rio de Janeiro. Século XIX.
Objeto ritual Oxum. Uso religioso. Doação da Polícia da Corte na década de 1880.

6 Flecha. Rio de Janeiro. Século XIX.
Objeto ritual de Oxossi. Uso religioso. Doação da Polícia da Corte na década de 1880.

7 Flecha. Rio de Janeiro. Século XIX.
Objeto ritual de Oxossi. Uso religioso. Doação da Polícia da Corte na década de 1880.

- 8** Flecha. Rio de Janeiro. Século XIX.
Objeto ritual de Oxossi. Uso religioso. Doação da Polícia da Corte na década de 1880.
- 9** Fio de contas. Rio de Janeiro. Século XIX.
Uso religioso. Doação da Polícia da Corte na década de 1880.
- 10** Fio de contas. Rio de Janeiro. Século XIX.
Uso religioso. Doação da Polícia da Corte na década de 1880.
- 11** Pulseiras de argola. Rio de Janeiro. Século XIX.
Na África, eram valiosas por seu peso em metais e usadas como moeda de troca. Doação da Polícia da Corte na década de 1880.
- 12** Exu. Bahia. 1940.
Representação de orixá do candomblé. Escultura em madeira de José Afonso de Santa Isabel. Coleção Heloísa Alberto Torres.
- 13** Oxaguiã. Bahia. 1940.
Oxalá jovem e guerreiro. Representação de orixá do candomblé. Escultura em madeira de José Afonso de Santa Isabel. Coleção Heloísa Alberto Torres.
- 14** Nosso Senhor Jesus Cristo. Bahia. 1940.
Representação de Jesus Cristo no candomblé. Escultura em madeira de José Afonso de Santa Isabel. Coleção Heloísa Alberto Torres.
- 15** Oxé. Rio de Janeiro. Século XIX.
Machadinha de dois gumes em madeira que simboliza o orixá Xangô. Doação da Polícia da Corte na década de 1880.

- 16** Oxum. Bahia. 1940.
Orixá da beleza e da feminilidade. Escultura em madeira de José Afonso de Santa Isabel. Coleção Heloísa Alberto Torres.
- 17** Yemanjá. Bahia. 1940.
Considerada a grande mãe dos orixás. Escultura em madeira de José Afonso de Santa Isabel. Coleção Heloísa Alberto Torres.
- 18** Oyá (Yansã). Bahia. 1940.
Senhora dos raios. Escultura em madeira de José Afonso de Santa Isabel. Coleção Heloísa Alberto Torres.
- 19** Omolu. Bahia. 1940.
Orixá chamado “Deus da varíola”. Escultura em madeira de José Afonso de Santa Isabel. Coleção Heloísa Alberto Torres.
- 20** Nanã. Bahia. 1940.
Orixá velha, mulher de Oxalá. Escultura em madeira de José Afonso de Santa Isabel. Coleção Heloísa Alberto Torres.
- 21** Oxumarê. Bahia. 1940.
Orixá representado pela serpente. Escultura em madeira de José Afonso de Santa Isabel. Coleção Heloísa Alberto Torres.
- 22** Ogun. Bahia. 1940.
Orixá ferreiro associado à guerra. Escultura em madeira de José Afonso de Santa Isabel. Coleção Heloísa Alberto Torres.
- 23** Oxossi. Bahia. 1940.
Orixá caçador e senhor das matas. Escultura em madeira de José Afonso de Santa Isabel. Coleção Heloísa Alberto Torres.

24 Ossãe. Bahia. 1940.

Orixá que cura os doentes com suas folhas. Geralmente tem uma perna só. Escultura em madeira de José Afonso de Santa Isabel. Coleção Heloísa Alberto Torres.

25 Caboclo Orixan. Bahia. 1953.

Escultura em madeira usada no candomblé. Coleção Heloísa Alberto Torres.

26 Caboclo Gabiúna. Bahia. 1953.

Escultura em madeira usada no candomblé. Coleção Heloísa Alberto Torres.

27 Agogô. Bahia. 1940.

Instrumento musical que marca o ritmo das cantigas no candomblé. Bastante difundido na África ocidental. É também chamado de kpanlingan ou agunylongan. Seus tocadores, os ogãs de candomblé, o tocam sempre de pé. Doação de Sylvino Manoel da Silva, ogã do candomblé do Gantois, Salvador, à Heloísa Alberto Torres em 1940.

28 Baiana. Bahia. 1929.

Boneca de pano vestida à moda das mulheres do candomblé nos anos de 1920. Recolhida na Feira de Santana, Bahia. Doação de Armando Fragoso. Em 1940, a peça foi exposta com o título “Crioula da Bahia”. O termo crioula, hoje em desuso, era empregado para designar os descendentes diretos de africanos. Legenda de Heloísa Alberto Torres:

“Feita de pano e cheia de algodão e trapos. A anatomia de superfície é cuidadosamente representada. As unhas, implantadas nos dedos, são de canutilhos de penas de aves. Veste a anágua rendada, muito engomada, para dar à saia, também muito ampla, a roda característica. Traz uma camisa bordada e o clássico pano da Costa que, no caso presente, está sendo usado para prender o filho às costas. Na cabeça, o torso. Nas orelhas, pescoço e braços, jóias de ouro e prata e as contas (colar), cuja cor indica o santo africano a que é consagrada a crioula.”

29 Tamborete. Bahia. 1953.

Era usado nas igrejas e nas casas de candomblé. Nestas, servia como assento das mulheres no dia a dia e durante os rituais. No candomblé nagô, a hierarquia dos postos aparece através dos assentos. A yalorixá (ou mãe de santo) se senta em uma grande cadeira que representa os tronos dos reis e outras autoridades africanas; as demais autoridades do culto se sentam em cadeira (com ou sem braço); e por fim as pessoas de menor hierarquia sentam-se em banquinhos como esse ou no chão. Coleção Heloísa Alberto Torres.

30 Tamborete. Bahia. 1953.

Coleção Heloísa Alberto Torres.

31 Tamborete. Bahia. 1953.

Coleção Heloísa Alberto Torres.

32 Xangô. Bahia. s/d.

Xangô é reverenciado como axé fundador de várias casas de candomblé da Bahia. Escultura do artista Afonso de Santa Isabel. Coleção Heloísa Alberto Torres.

33 Bayani. Bahia. s/d.

É tida como mãe ou irmã mais velha de Xangô. Escultura do artista Afonso de Santa Isabel. Coleção Heloísa Alberto Torres.

34 Boneca de pano vestida de Oxum. Rio de Janeiro. s/d.

Manequim usado nas antigas exposições do Museu Nacional. Vestida à moda do candomblé do Rio de Janeiro nos anos 1990. A indumentária foi feita por costureiras do Ilê Omolu Oxum, por ocasião do lançamento do CD Ile Omolu Oxum. Cantigas e toques para os Orixás.

35 Molde da arcada dentária do índio Irapage. Tenetehara-Guajajara. Rio Pindaré, Maranhão. 1945.

36 Molde da arcada dentária do índio Manchve. Tenetehara-Guajajara. Rio Pindaré, Maranhão. 1945.

37 Molde da arcada dentária do índio Doto. Tenetehara-Guajajara. Rio Pindaré, Maranhão. 1945.

38 Fornilho de cachimbo. Itaboraí. s/d.
Cachimbo de barro recuperado em escavações arqueológicas em Itaboraí, Rio de Janeiro. Coleção do Setor de Arqueologia do Museu Nacional.

39 Fornilho de cachimbo. Itaboraí. s/d.
Cachimbo de barro recuperado em escavações arqueológicas em Itaboraí, Rio de Janeiro. Coleção do Setor de Arqueologia do Museu Nacional.

40 Fornilho de cachimbo. Itaboraí. s/d.
Cachimbo de barro recuperado em escavações arqueológicas em Itaboraí, Rio de Janeiro. Coleção do Setor de Arqueologia do Museu Nacional.

41 Fornilho de cachimbo. Itaboraí. s/d.
Cachimbo de barro recuperado em escavações arqueológicas em Itaboraí, Rio de Janeiro. Coleção do Setor de Arqueologia do Museu Nacional.

42 Fragmento de forninho de cachimbo. Itaboraí. s/d.
Cachimbo de barro recuperado em escavações arqueológicas em Itaboraí, Rio de Janeiro. Coleção do Setor de Arqueologia do Museu Nacional.

43 Fornilho de cachimbo. Itaboraí. s/d.
Cachimbo de barro recuperado em escavações arqueológicas em Itaboraí, Rio de Janeiro. Coleção do Setor de Arqueologia do Museu Nacional.

44 Fornilho de cachimbo. Itaboraí. s/d.
Cachimbo de barro recuperado em escavações arqueológicas em Itaboraí, Rio de Janeiro. Coleção do Setor de Arqueologia do Museu Nacional.

45 Fragmento de forninho de cachimbo. Itaboraí. s/d.
Cachimbo de barro recuperado em escavações arqueológicas em Itaboraí, Rio de Janeiro. Coleção do Setor de Arqueologia do Museu Nacional.

46 Opelé ifá. Rio de Janeiro (?). Século XIX.
Corrente usada no jogo de Ifá para adivinhação.

47 Edans. Rio de Janeiro (?). Século XIX.
Símbolo usado em torno do pescoço pelos membros da sociedade Ogboni.

48 Edans. Rio de Janeiro (?). Século XIX.
Símbolo usado em torno do pescoço pelos membros da sociedade Ogboni.

Bibliografia e sugestões de leitura

APPIAH, Kwame Anthony. Na casa de meu pai: a África na filosofia da cultura. Rio de Janeiro: Contraponto. 1997.

CABAÇO, José Luís. Moçambique. Identidade, colonialismo e libertação. São Paulo: EdUNESP. 2009.

CARVALHO, Flávia Maria de. Sobas e homens do rei. Relações de poder e escravidão em Angola (séculos XVII e XVIII). Maceió: EdUFAL. 2015.

CASTILLO, Lisa Earl. Entre a oralidade e a escrita: a etnografia nos candomblés da Bahia. Salvador: EdUFBA. 2008.

DESVALLÉS, André e François Mairesse (ed.) Conceitos-chave de Museologia. Tradução e comentários Bruno Brulon Soares e Marília Xavier Cury. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus/Pinacoteca do Estado de São Paulo/Secretaria de Estado da Cultura. 2013.

FANON, Frantz. Os condenados da terra. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1979.

FARIAS, Juliana Barreto; Flavio Gomes; Carlos Eugênio L. Soares. No labirinto das nações: africanos e identidades no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional. 2005.

GEBARA, Alexander. A África de Richard Burton. Antropologia, política e livre-comércio, 1861-1865. São Paulo: Alameda. 2010.

GUEDES, Roberto. África. Brasileiros e portugueses. Séculos XVI-XIX. Rio de Janeiro: Mauad. 2013.

HERNANDEZ, Leila Leite. A África na sala de aula: visita à história contemporânea. São Paulo: Selo Negro. 2005.

LOVEJOY, Paul E. A escravidão na África: uma história de suas transformações. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2002.

OLIVER, Roland. A experiência africana. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Eds. 1994.

PARÉS, Luiz Nicolau. O rei, o pai e a morte. A religião vodum na antiga Costa dos Escravos na África Ocidental. São Paulo: Companhia das Letras. 2016.

RIBEIRO, Elaine. Barganhando sobrevivências. Os trabalhadores da expedição de Henrique de Carvalho à Lunda (1884-1888). São Paulo: Alameda. 2013.

RIBEIRO, Juliana dos Santos. Reflexões e considerações a respeito da formação e perfil da coleção africana da Fundação Cultural Ema Gordon Klabin. Guarulhos: UNIFESP/Fundação Ema Klabin. 2014. Disponível online em http://emaklabin.org.br/wp-content/uploads/2016/01/livro_FINAL_13.01-baixasite-Luciara-Ribeiro_Artes-da-Africa.pdf

SALUM, Marta Heloísa Leuba. África: sociedade e culturas. Guia temático para professores. São Paulo: Museu de Arqueologia e Etnologia/USP. 1999.

SERRANO, Carlos e Maurício Waldman. Memória d'África: a temática em sala de aula. São Paulo: Cortez. 2007.

SILVA, Alberto da da Costa e. A enxada e a lança: a África antes dos portugueses. 2ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1996.

SILVA, Alberto da da Costa e. A manilha e o libambo: a África e a escravidão de 1500 a 1700. Rio de Janeiro: MINC/BN, Departamento Nacional do Livro. 2002.

THORNTON, John. A África e os africanos na formação do mundo Atlântico (1400-1800). Rio de Janeiro: Campus. 2004.

TURNER, Victor. Floresta de símbolos. Aspectos do ritual Ndembu. Niterói: EdUFF. 2005.

UNESCO. História geral da África. Brasília: UNESCO, Secad/MEC, UFSCar. 2010.

Disponível online em: http://www.unesco.org/new/pt/brasil/abouthis-office/single-view/news/general_history_of_africa_collection_in_portuguese-1/#.V7L9_p_-WLQ



- **Publicação** -

Setor de Etnologia do Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro - SEE/MN/UFRJ
Fundação Carlos Chagas de Amparo a Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro - FAPERJ